

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS CANALI DE OLIVEIRA

A REPRESENTAÇÃO DA NAÇÃO: O CASO *TRISTE FIM DE POLICARPO
QUARESMA*

CURITIBA

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS CANALI DE OLIVEIRA

A REPRESENTAÇÃO DA NAÇÃO: O CASO *TRISTE FIM DE POLICARPO
QUARESMA*

Monografia apresentada ao Curso de
graduação em História Licenciatura e
Bacharelado, Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel e licenciado e
História

Orientador: Rafael Benthien

Curitiba
2013

Ninguém é capaz de entender o que se faz debaixo do sol. Por mais que se esforce para descobrir o sentido das coisas, o homem não o encontrará. O sábio pode até afirmar que entende, mas, na realidade, não consegue encontrar.

Eclesiastes 8:17

Resumo: O que este trabalho pretende realizar é uma discussão a respeito da questão da identidade nacional na Primeira República por intermédio da literatura. Para tanto, será realizada uma apreciação da obra de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Serão apresentadas neste trabalho algumas apreciações que dizem respeito ao período de consolidação da república, com a intenção de proporcionar uma compreensão do contexto político e social, bem como das ideias que eram difundidas no início do período republicano. Também será colocada a questão de quais motivos levariam o indivíduo a optar pela carreira literária durante este período de modo a realizar uma discussão a respeito da vida de alguns dos autores da época. Por fim, realizaremos a discussão da obra em questão. Este tópico procurará enfatizar o modo irônico como Barreto trata da questão da nacionalidade por intermédio de três eixos: o primeiro é a vida do protagonista da obra Policarpo Quaresma o qual imbuído de um patriotismo exagerado relaciona-se de maneira peculiar com mundo que o cerca. Em seguida, trataremos de como os militares na obra tratam do passado da nação. Por fim, será abordada a inserção das mulheres na obra.

Palavras-chave: Literatura – Nacionalismo - República

SUMÁRIO

Introdução.....	6.
Capítulo I: desenvolvimento e consolidação do Brasil Republicano.....	10.
1.1 Questões sociais e política: a consolidação da república.....	10.
1.2 Elaborando a nação: ideias para a construção do Brasil republicano.....	14.
Capítulo II: os intelectuais e república.....	22.
2.1 O ofício do literato e sua marginalização social.....	22.
Capítulo III: a representação da nação: o caso <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>.....	34.
3.1 Policarpo Quaresma e a identidade nacional em Lima Barreto.....	38.
3.2 Patriotismo às avessas: os militares e o passado em <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	44.
3.3 Mulheres e sua representação nacional em <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	47.
Conclusão.....	53.
Referências Bibliográficas.....	55.

Introdução

O presente trabalho busca refletir e discutir elementos que dizem respeito à formação da identidade nacional ao início do regime republicano no Brasil (1889-1930). Para tanto, procuraremos esclarecer o período de consolidação da república e algumas das ideias presentes neste período. Posteriormente será realizada uma contextualização dos literatos da primeira República e, por fim, será feita a análise da obra de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Para que se possa desenvolver considerações a respeito da questão da identidade nacional durante a Primeira República devemos levar em consideração alguns aspectos relativos a este tema, primeiramente devemos considerar que a nação é composta por indivíduos “de diversos lugares, tendo ou não religião comum, pertencendo ou não a diferentes etnias passam a se sentir identificadas como um território e/ou com um Estado”¹. Ao mesmo tempo devemos pensar a função exercida pelo Estado que procura unificar o povo buscando uma origem comum, unificando a língua e desenvolvendo uma história em comum.

É durante o século XIX que a busca pela afirmação dos Estados-nacionais, bem como de uma nacionalidade que defina os traços característicos de cada país se desenvolve, com a propagação do ensino escolar e dos meios de comunicação temos a difusão de uma herança em comum e de tradições. Concomitante a este processo temos a criação de símbolos nacionais, bandeiras, hinos e feriados fenômenos estes que compõe a criação de uma memória nacional e que são responsáveis também por disciplinar os indivíduos.

Para desenvolver o tema da consolidação da República no Brasil, nos utilizaremos dos estudos realizados por Boris Fausto e Lucia Lippi de Oliveira a respeito do tema.

No primeiro capítulo *desenvolvimento e consolidação do Brasil Republicano*, procuraremos num primeiro momento avaliar algumas das questões sociais e políticas que contribuíram para consolidação da República. Neste, sentido será destacada a participação do exército, bem como o surgimento de comerciantes e profissionais liberais, que são de fundamental importância para o desenvolvimento urbano do país e que formam em certa medida a “opinião pública da época”. Também será considerado o

¹ OLIVEIRA. L. L. A questão nacional na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.186

desenvolvimento da agricultura, sobretudo, em São Paulo o que contribui para o desenvolvimento urbano-industrial de parte do país. Serão considerados também aspectos como o surgimento do partido republicano em São Paulo, bem como do movimento abolicionista no Brasil, elementos estes que também servem como propulsores da República.

Ainda no primeiro capítulo trabalharemos com duas ideias apresentadas por Lippi e que dizem respeito ao modo de como se imaginava o desenvolvimento da nação. Uma destas optava pela valoração das tradições coloniais advindas da colonização portuguesa e tinha como um de seus objetivos a manter vigente o regime monárquico. E a outra era baseada na ruptura para com o passado histórico colonial e com a monarquia, de forma que esta outra visão procura desvencilhar o país da economia lusa, procurando inserir a sociedade brasileira na modernidade através da ação da classe empresarial brasileira.

Serão estes os temas debatidos na primeira parte do trabalho. Esta discussão tem como objetivo contextualizar os principais aspectos do processo que desemboca na proclamação da República, bem como considerar algumas das principais ideias de nação difundidas durante este período.

No segundo capítulo deste trabalho, *os intelectuais e república* será realizada uma discussão a respeito dos literatos no contexto da República, os motivos que os levaram a enveredar pela carreira literária, bem como o alcance de suas obras. Esta parte do trabalho tem como objetivo considerar Lima Barreto como homem de seu tempo, de forma que no momento em que este escrevia, havia outros interessados pelo mesmo ofício.

Dessa forma, trataremos de maneira aprofundada de quais as circunstâncias que conduziram estes intelectuais a desenvolverem o trabalho de escritor. Para tanto, nos utilizaremos do trabalho realizado por Sérgio Miceli, que considera os seguintes aspectos: estes intelectuais faziam parte de famílias oligárquicas em declínio e tinham relações de parentesco ou compadrio com a classe dirigente. Havia também a possibilidade de destaque na linhagem da família como o caso de ser filho único, ou o primogênito, e o último fator que poderia conduzir o indivíduo para carreira intelectual seria alguma tragédia como a morte do pai ou alguma doença.

Será a partir destas ideias que serão avaliadas a condução das carreiras literárias de Humberto de Campos Veras, Lima Barreto, Vivaldo Coaracy, Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria, Manuel Bandeira, Paulo Setúbal, José Maria

Bello, sempre atentando para o fato que os estigmas acima apresentados podem acontecer ao mesmo tempo na vida de um único autor.

Neste capítulo também será tratado o fato desses literatos enquanto autores que mesmo acreditando nas suas obras como potencialidades para a transformação social, acabam marginalizados. É neste sentido, que Nicolau Sevcenko, atenta para o fato de que estes escritores procuravam em suas obras estabelecer que, o estilo de vida brasileiro deveria inspirar-se no europeu, a estrutura do país deveria inserir-se no fluxo internacional e as condições materiais e sociais da população teriam que melhorar. Entretanto, Sevcenko assinala que mesmo como portadores das ideias de modernidade, estes literatos acabam por serem marginalizados, pois devido as disputas políticas desse período estes intelectuais são postos de lado.

Fundamentalmente o que será posto em questão nesta parte do trabalho serão as condições materiais e sociais que conduzem uma série de indivíduos a optar pela carreira literária, bem como a marginalização destes escritores, mesmo que engajados em utilizar suas obras com o intuito de transformação social.

No terceiro e último capítulo deste trabalho *a representação da nação: o caso Triste fim de Policarpo Quaresma* será realizada a discussão da fonte, a obra de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Serão abordados três pontos: a trajetória de Policarpo Quaresma, o modo como o passado é tratado, e a representação das mulheres no livro.

Assim como Silveira acreditamos que as histórias de Lima Barreto trazem-nos a situação de vida dos sujeitos que caminhavam pelo Rio de Janeiro e que muitas das vezes eram desconsiderados pelo poder público. Ao atentarmos nos olhos para estes pequeninos que eram esquecidos pelas elites, podemos desenvolver uma visão alternativa sobre a identidade nacional brasileira².

Dessa forma observamos que Barreto lança olhar sobre os marginalizados e retrata a insatisfação deles para com a República e também pensa na identidade desses marginais mostrando-os como sujeitos ativos em seu cotidiano³. Dessa forma podemos considerar que ao produzir sua obra, o autor, “pensava na dinâmica social na qual grande parte da população era sacrificada em benefício de poucos. Com isso, seu

² SILVEIRA, C. Entre História e Literatura: A identidade nacional em Lima Barreto. História: Questões e Debates, Curitiba, nº44, 2006, Editora UFPR. p. 123

³ Idem, p.125

interesse extrapolou sua vivência particular e buscou atingir o bem-estar da sociedade em geral”⁴.

Sendo assim, pensamos em Lima Barreto como uma grande referência para se pensar a questão da identidade no Brasil. Esta que em certa medida não estaria por se fazer, mas se encontraria latente nos personagens marginalizados que faziam parte da realidade da República no Brasil e não em moldes inspirados por outros países⁵. E é basicamente assim que pretendemos lançar um olhar sobre a questão da nação no início do regime republicano.

⁴ Idem, Ibidem

⁵ Idem p. 127-128.

CAPÍTULO I: DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DO BRASIL REPUBLICANO

Analisaremos neste capítulo primeiramente as questões de cunho político e social que contribuíram para consolidação da República e posteriormente serão debatidas algumas das ideias que contribuíram para a elaboração do republicanismo no Brasil. Para tanto, usaremos o trabalho de Boris Fausto *História Geral da Civilização Brasileira* e o livro de Lucia Lippi de Oliveira *Questão Nacional na Primeira República*

1.1 Questões sociais e política: a consolidação da República

Segundo Fausto, a passagem do Império para a República e a formação de um sistema capaz de articular os interesses dos intelectuais de orientação republicana se deu de forma paulatina⁶. O próprio autor chama atenção para a superficialidade do dia 15 de novembro, atentando para o fato de que mesmo de se o povo tivesse assistido o episódio da proclamação na Praça Aclamação, dentro do exército o movimento foi difundido por uma parcela de soldados de baixa patente não muito articulados⁷.

Ainda sim, o autor chama atenção para o fato de que a revolta conseguiu derrubar a ordem imperial e abriu as portas para a reorganização da ordem política brasileira. Nesse sentido, Fausto ressalta que a “quartelada” realizada pelo exército para além de mudar as instituições que passaram de monárquicas para republicanas, mudam também as forças sociais que articulavam o sistema de dominação do Brasil⁸.

Fausto afirma que nos momentos finais da monarquia duas questões foram consideradas demasiadamente importantes: a escravidão e a grande propriedade territorial. Entretanto, o autor atenta para o fato de que desde o término do tráfico de escravos, da introdução de mão-de-obra imigrante e do início da expansão cafeeicultura dos anos 1870, a economia imperial passa a girar em torno de outras forças sociais. Neste sentido, o autor chama atenção para o seguinte fenômeno: a grande concentração de profissionais liberais, comerciantes e de militares, fator que nos leva a considerar a

⁶ FAUSTO. B. Brasil republicano, v.8: estrutura de poder e economia (1889-1930), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.17.

⁷ Idem. P.17-18

⁸ Idem, p.18

existência de uma população urbana diferenciada, letrada e burocrática que formava a “opinião pública da época”⁹.

O autor também considera que as últimas três décadas que antecedem 1889 acontecem modificações na economia brasileira. Assim sendo o autor ressalta o desenvolvimento da lavoura de café na região do Noroeste de São Paulo, ao mesmo tempo em que nos períodos correspondentes a 1870/1880 desenvolvem-se uma intensa atividade mercantil/financeira que permite o desenvolvimento urbano-industrial¹⁰. O autor salienta que a interferência inglesa na economia, também contribuiu para o avanço das instalações de infra-estrutura da economia agro-exportadora, a expansão da rede ferroviária e melhoria dos portos, e contribui para a instalação de fábricas de produtos para consumo interno e para expansão nos setores urbanos de serviços¹¹.

Dessa forma, Fausto afirma que as cidades e as migrações crescem de forma que, concomitante ao crescimento da população brasileira, há também o aumento da população nas cidades. Outro fator que contribui para este fenômeno é a migração externa. O autor apresenta a cifra de 184 mil imigrantes somente em São Paulo na década de 1880, de forma que novas populações são gradativamente acrescentadas devido ao desenvolvimento da lavoura de café¹². Mesmo que a maioria da população imigrante tenha sido recrutada para a lavoura, o autor chama atenção para o fato de que em períodos de crise agrária havia expulsão para as cidades, do mesmo modo o autor salienta que o desenvolvimento do setor de serviços e da indústria atraía os estrangeiros para as cidades¹³. De acordo com Fausto, a ação do Estado tanto Federal como de São Paulo foram importantes no processo de imigração. Mesmo assim, o autor reitera que este fenômeno estava sujeito a fatores de atração, ou seja, as políticas governamentais de subsídio à imigração para lavoura, bem como a fatores de impulso gerados pela oferta de imigrantes na Europa ocorridas durante a década de 1890¹⁴.

No que diz respeito à política, o autor afirma que a crise da monarquia ocorre por conta das transformações sociais que vinham ocorrendo no país. O autor cita o surgimento do Partido Republicano em São Paulo e o movimento abolicionista, que teve adesão dos fazendeiros por conta da política de imigração estrangeira. Havia também

⁹ Idem, p.20

¹⁰ Idem, Ibidem

¹¹ Idem, Ibidem

¹² Idem, p. 24-25

¹³ Idem, p.26

¹⁴ Idem, p.28

algumas questões a serem resolvidas entre o exército e a Coroa frente à crítica feita ao Duque Caxias na qual os liberais questionavam a morosidade frente a condução da Guerra do Paraguai, mesmo assim o Conselho de Estado fica impossibilitado de demitir Caxias por conta da situação de conflito.

Segundo Fausto, isto é um indício de que a espada começara e abalar o trono. Dessa forma, D. Pedro II procura manter o parlamentarismo coroado com o intuito de defender o país frente a perigos externos¹⁵. De acordo com o autor, a organização política do Império dava ao Monarca uma soma de poderes significativa ao instituir o Poder Moderador. Fausto salienta ainda que a Constituição de 1824 e suas emendas deixaram aberta o limite entre a esfera do Poder Moderador e a do Executivo, de forma a transformar o Monarca e fonte de poder absoluto¹⁶.

Considera-se que a prática política acabou por consagrar uma organização que tinha aparência parlamentar, mas que não faziam com que os Ministérios dependessem da maioria da Câmara. Havia a intenção de conter a vontade do Imperador nos limites da soberania popular, entretanto não se baseava em eleições universais honestas, permitindo assim ao Imperador quem das listas tríplices seria o Senador vitalício, de modo a resguardar de maneira fictícia a ideia de que o Rei era irresponsável politicamente e dava a ele o poder para dissolver as Câmaras e convocar novas eleições¹⁷.

Boris Fausto deixa claro que esse sistema não desembocava para o poder pessoal, devido ao fato de que por detrás disso operava o patriarcalismo tradicional, donde derivava, no plano político-administrativo, o sistema do patronato. Sendo assim, ele insiste na ideia de que para o preenchimento dos cargos públicos havia necessidade de se obter padrinhos e patronos¹⁸. Não obstante, o autor afirma que devido, possibilidade de mudança da inclinação política do Monarca, seria possível a mudança da oligarquia, pois havia a disputa de poder entre oligarquias emergentes pela preferência imperial onde poderiam ocorrer mudanças por intermédio da “dissolução da Câmara e nomeação de novos Presidentes de Província pelo Chefe de Gabinete em ascensão¹⁹”.

¹⁵ Idem, p.30

¹⁶ Idem, Ibidem

¹⁷ Idem, p.31

¹⁸ Idem, Ibidem

¹⁹ Idem, Ibidem

Entretanto, cita-se a participação de Caxias – intelectual monarquista e fiel ao Império – em 1868, voz que, para Fausto, ecoava dom uma força que não vinha do Paço, da Câmara, ou dos partidos. Era uma opinião oriunda da experiência na guerra e que caracterizava a política clientelística-partidária que o cercava e o irritava como “guerra de alfinetes”. Havia também Deodoro que assim como outros oficiais-generais do fim do Império, incluindo Floriano, lutaram nas incursões do Prata ou no Paraguai. Boris Fausto ressalta as dificuldades que Caxias enfrentara para mobilizar tropas no Sul, no conflito das Farroupilhas, compreendendo que este tinha a noção de que precisaria ser também Presidente da Província, se quisesse exercer influência junto aos chefes locais e mobilizar a Guarda Nacional²⁰. Dessa forma os militares foram conscientizando-se da situação do Exército frente à política²¹.

Fausto argumenta que, após o regresso diante da vitória, o exército começa a tomar consciência de si como força à parte da política. Nesse sentido, o autor afirma que “a visão entre a Nação e o Estado, entre as classes, os escravos e o Império havia um estamento cívico, provado na luta, que merecia respeito e queria exercer poder, começou a generalizar-se entre os oficiais.²²” Sendo assim, o autor menciona o surgimento do sentimento de pertença a uma espécie de ordem privilegiada, de um espírito de renúncia material que seria compensado pela ampliação dos poderes de interferir “para o bem da Pátria.²³”. Dessa forma o autor acredita que este sentimento culminava numa fusão mística entre a corporação e a pátria. Para que se obtivesse êxito havia a necessidade de reforma do Estado, que se daria pelo fim da Monarquia e da “politicagem²⁴”.

Mas, os militares foram muito mais além. Fausto mostra que parte destes envolveram-se com a pregação do reformismo social contra a escravidão. Antes da guerra havia já a crítica dos militares à ordem social e política reinante. Os oficiais-acadêmicos seriam dotados de senso político e constituindo parte da elite letrada não se solidarizava com os bacharéis. Por intermédio do jornal *O Militar*, esta parcela do exército acusavam os homens de leis de responsáveis pela ordem econômica, política e social injusta²⁵.

²⁰ Idem, p.32

²¹ Idem, Ibidem

²² Idem, Ibidem

²³ Idem, Ibidem

²⁴ Idem, Ibidem

²⁵ Idem, p.33

Boris Fausto assinala que posteriormente a Guerra do Paraguai, com a vitória de Caxias nas armas e na Política, é criado o Clube da Reforma, de modo que em 1870 é lançado o Manifesto Republicano e em 71, Floriano Peixoto cria o Instituto Militar para defender os interesses do exército. Em 1887 temos o surgimento da “questão militar”, que para Fausto significava a manifestação dos oficiais em defesa da corporação e do direito de manifestarem publicamente sua inconformidade com as autoridades civis e até mesmo militares²⁶. Tal fenômeno pode ser considerado como uma ação radical dos militares.

O autor afirma que essa nova camada da intelectualidade política não surge em 1889 contra a nova força social emergente na sociedade civil, a burguesia agrária do café e os industriais, mas sim contra os políticos que impediam as reformas para o desenvolvimento da nação, bem como contra os homens que simbolizavam os poderes do Império²⁷. Neste sentido, o autor ressalta a influência do positivismo sobre as camadas militares, fator que contribuía para o desenvolvimento do “espírito de corporação” que tinha por objetivo “purificar” a sociedade²⁸, ao passo que temos em 15 de novembro de 1889 a proclamação da República.

Fundamentalmente o que podemos observar no que diz respeito ao processo de formação da República são aspectos sociais como o crescimento e aumento das populações citadinas, fenômeno que envolve em parte a questão da imigração, bem como aspectos políticos a exemplo da conscientização do Exército enquanto força que poderia atuar e ao mesmo tempo contribuir para o desenvolvimento do Brasil. Ambos os fatores coligados nos dão o pano de fundo para compreender as mudanças estruturais que contribuem para consolidação da ordem republicana.

1.2 Elaborando a nação: ideias para a construção do Brasil republicano

Feita a análise das questões políticas e sociais que contribuíram para formação da República, partiremos agora para o estudo das principais correntes de pensamento do respectivo período. Lucia Lippi analisa as bases sobre as quais foram organizados os valores da nacionalidade durante as três primeiras décadas da República. A autora se

²⁶ Idem, Ibidem

²⁷ Idem, p.35

²⁸ Idem, Ibidem.

utiliza de textos que constituem exemplos das duas vertentes distintas e conflitantes do pensamento político brasileiro da época²⁹.

O primeiro texto analisado é *Festas Nacionais* de Rodrigo Otávio, que fora publicado em 1938. O livro é composto por artigos sobre as “datas nacionais”, instituídas por Deodoro da Fonseca em 14 de Janeiro de 1890, e é dedicado à “mocidade brasileira”, tendo por objetivo ensinar o “significado das datas que a república manda guardar”³⁰. O tom dominante é de que a República foi uma aspiração presente desde os tempos coloniais. Esta aspiração sempre foi sufocada e os rebeldes republicanos reprimidos. Na Independência, mais uma vez, o ideal republicano acabou sendo esmagado pelas forças estrangeiras que “abarrotavam os quartéis”. O 7 de setembro só serviu para prolongar a dominação portuguesa sobre o Brasil³¹.

As ideias de Rodrigo Otávio foram condensadas na carta de Raul Pompéia, datada de 24 de fevereiro de 1893, publicada no livro como prefácio e mais famosa que a obra. Raul Pompéia aplaude o autor e o livro³². Para ele “dois únicos partidos, em guerra de morte, invadem hoje o campo político (...) Só entre dois adversários se trava realmente o conflito da política brasileira – o partido da emancipação e o partido da colônia³³”. Pompéia relê a história do Brasil segundo esta luta política. Condena o Império, responsabilizando-o por cinquenta anos de inércia e abandono. O segundo reinado voltou as costas à pátria: o empreendimento do príncipe de uma dinastia européia anulou o caráter nacional³⁴. Em sua análise, Raul Pompéia, afirma que o povo não contava com classes conservadoras. Os proprietários rurais, únicos conservadores possíveis, acabam por confundir seus interesses com os do comércio, controlados exclusivamente por estrangeiros. A pátria brasileira não contou com o patriotismo das classes ricas, com a vigilância dos que mais têm o que perder³⁵.

O “partido da colônia”, segundo Pompéia, representa o grande obstáculo à organização republicana, pois domina pontos estratégicos da política e do comércio. É ele, também, o responsável pela manutenção do preconceito de cor, desconhecido do brasileiro, e que serve como elemento demolidor do civismo nacional³⁶.

²⁹ OLIVEIRA, L. L. A questão nacional na primeira república. Brasiliense. São Paulo. 1990. P.127.

³⁰ Idem, Ibidem

³¹ Idem, Ibidem

³² Idem, Ibidem

³³ Idem, p.128

³⁴ Idem, Ibidem

³⁵ Idem, Ibidem

³⁶ Idem, p.129

Raul Pompéia combate o conservadorismo estrangeiro porque ele nada conservava para o Brasil. Defende a organização, em seu lugar, do partido conservador brasileiro. “Tivemos um dia a revolução em nome da dignidade humana” (a Abolição) Temos a revolução em nome da dignidade política (a República). É preciso que não tarde a terceira revolução a revolução da dignidade econômica, depois da qual somente poderá dizer que existe a Nação Brasileira³⁷.

A *Festas Nacionais*, de Rodrigo Otávio, Lippi, contrapõe *Porque me ufano de meu país*, de Afonso Celso, obra em que a nacionalidade toma como referência principal o território, fonte de riqueza do Brasil³⁸. Segundo o autor da obra a natureza não constituiria o único e principal motivo para se vangloriar da nacionalidade. Entretanto, quando enumera os onze motivos da superioridade do Brasil, deixa claro que os cinco primeiros e referem a natureza: a grandeza territorial, a beleza, as riquezas, o clima e a ausência de calamidades. A riqueza do Brasil é proporcional à sua extensão e à sua extraordinária beleza, e suas potencialidades naturais são ou serão utilizadas: O Brasil é identificado com um grande colosso robusto, sadio e bondoso³⁹.

Segundo Afonso Celso, existem ainda dois motivos da nossa superioridade que estão relacionados com a excelência dos elementos que entram na formação do tipo e na constituição do caráter nacional. O índio, o negro e o português têm suas qualidades ressaltadas. A hospitalidade do índio; a resignação, a coragem e a laboriosidade do negro; o amor ao trabalho e a filantropia do português marcam a origem humilde da nossa gente. O cruzamento destas raças produziram o mestiço, com seu espírito de energia, coragem, força e resistência⁴⁰.

Para Afonso Celso, o último motivo da superioridade brasileira é a sua história, pois “o nosso regime colonial foi mais suave que o de quase todos os povos americanos”⁴¹. Os episódios de vida nacional que merecem destaque são: o trabalho de catequese dos jesuítas, a epopéia dos bandeirantes, a expulsão dos holandeses, a Guerra dos Palmares e a Retirada da Laguna⁴². Segundo este autor a abolição da escravidão, “a maldita instituição”, foi mais suave e humanitária no Brasil do que nos Estados Unidos. Aqui a emancipação se processou de forma progressiva, e após a Abolição os escravos

³⁷ Idem, Ibidem

³⁸ Idem, Ibidem

³⁹ Idem, p.130

⁴⁰ Idem, Ibidem

⁴¹ Idem, Ibidem

⁴² Idem, Ibidem

foram incorporados a nação em pé de igualdade, enquanto que dos EUA os homens seriam segregados⁴³.

Esses dois livros, o de Rodrigo Otávio e o de Afonso Celso, apresentam de forma sintética duas vertentes de patriotismo no início do século XX, cada um deles lança mão de aspectos distintos para apresentar o Brasil. Enquanto Rodrigo Otávio estrutura sua análise com base na vida política do país, Afonso Celso valoriza as ordens territorial e cultural e a psicologia coletiva do brasileiro⁴⁴.

Procurando demonstrar a influência de Afonso Celso a autora argumenta que a permanência do ufanismo pode ser constatada em livros como *Através do Brasil* de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Esta obra, escrita como “livro de literatura para o curso primário”, apresenta sob forma ficcional os mesmos temas presentes em *Porque me ufano do meu país*⁴⁵.

Lippi argumenta que em *Através do Brasil*, o país tem uma natureza maravilhosa e diversificada e o homem, igualmente maravilhoso e diversificado, não enfrenta graves problemas. A adversidade e o sofrimento surgem diante do desconhecido: a ignorância do homem do litoral para sobreviver no sertão; a ação de alguns poucos homens maus e a presença da morte culminação do ciclo natural da vida⁴⁶. A forma ficcional do texto dilui seu ufanismo tornando-o mais discreto, menos piegas. Sua aceitação foi inquestionável. Editado em 1910, este texto, largamente usado nas escolas primárias, talvez tenha sido um dos mais eficazes canais para difusão de representação ufanista na formação das novas gerações⁴⁷.

Como representante do nacionalismo político temos o pensamento de Álvaro Bomilcar e do seu grupo que pode ser apresentado através de sua obra *A política no Brasil ou o nacionalismo no Brasil*, de 1920. O interesse nessa obra reside no fato de que ela representa uma importante corrente nacionalista nas décadas de 1910 e 1920⁴⁸. Este livro é dedicado à memória do consolidador da República, o marechal Floriano Peixoto, herói modesto, culto e patriota, que como governante agiu em prol da emancipação do Brasil.

⁴³ Idem, Ibidem

⁴⁴ Idem, p.131.

⁴⁵ Idem, p.132

⁴⁶ Idem, Ibidem

⁴⁷ Idem, Ibidem

⁴⁸ Idem, p.133

O livro, composto de artigos escritos de 1917, é um texto de propaganda nacionalista. Nele, o autor procura analisar as causas do problema da nacionalidade e propor soluções⁴⁹. O Brasil perdeu sua consciência nacional, extinguiu-se, aqui, o desejo de adquirir individualidade própria.

O patriotismo é para o autor um sentimento natural, assim como a razão é para os iluministas uma faculdade natural. Fundamenta-se em honrosas tradições, na capacidade de nossa raça, na consciência das possibilidades e na nossa força. Há no entanto há necessidade desse sentimento ser propagandeado, pois ele teria se desviado do seu curso natural⁵⁰.

Segundo a autora o primeiro fator que teria contribuído para esse desvio está relacionado, como acreditava Raul Pompéia, com o evento histórico da colonização portuguesa. Como Rodrigo Otávio o autor considera que a República e as aspirações nativistas foram sempre sufocadas pelo partido português, partido da colônia. Em 1822, produziu-se a estranha aliança política entre brasileiros e portugueses, “desvantajosa camaradagem entre a vítima e o algoz”⁵¹

Com a República, houve a esperança de redenção de quinze milhões de brasileiros. Floriano Peixoto, orientando a política no sentido nacional, reagiu contra os açambarcadores estrangeiros, defendeu a nacionalização do comércio e rebateu o culto de duas mães-pátrias⁵². Esse culto renasceu com a morte prematura de Floriano e foi favorecido pela desnacionalização da imprensa do Rio de Janeiro. O português, antigo senhor, manteve-se dono da imprensa, orientando a opinião pública⁵³.

A autora argumenta que em Álvaro Bomilcar a crítica ao cosmopolitismo envolve uma crítica ao positivismo: segundo ele a condução da república guiada pelo sonho humanista do positivismo tornou o Brasil um vasto campo de exploração para todos os estrangeiros, principalmente o lusitano⁵⁴. Esse foi o resultado lógico do nosso liberalismo positivista. O positivismo, ao se basear em fórmulas gerais acaba por negar a renovação própria da análise sociológica. Mais adiante, afirma-se que “as leis sociais, fundadas na experiência e na observação, produzem para cada povo condições

⁴⁹ Idem, *Ibidem*

⁵⁰ Idem, p.134

⁵¹ Idem, p. 135

⁵² Idem, *Ibidem*

⁵³ Idem, *Ibidem*

⁵⁴ Idem, p.136

peculiares”. Para Bomilcar, a verdadeira sociologia devia caminhar de braços dados com a nacionalidade⁵⁵.

Referindo-se àqueles que resistem à construção da nacionalidade, Álvaro Bomilcar destaca os políticos e os intelectuais. Os primeiros se caracterizariam pelo egoísmo e pela passividade. A ausência de luta seria a prova da incapacidade política, segundo o autor a maioria dos brasileiros e até mesmo os intelectuais não conheciam o seu país. Os políticos estudariam as criações estrangeiras e as adotariam sem restrições⁵⁶.

Os intelectuais permanecem presos a questões filológicas e ao debate em torno da reforma ortográfica. Entre os literatos que apóiam a aproximação com a metrópole ou a re-colonização Bomilcar cita Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque e João do Rio, entre outros. Herdamos a língua e com ela ficamos isolados do comércio intelectual do mundo. Tivemos que revitalizar uma língua quase morta e temos agora que lutar contra os defensores da língua portuguesa, os defensores da pureza língua, os que querem legislar para impedir suas transformações⁵⁷.

Para além disso o autor também destaca outras três formas de nacionalismo que estariam equivocadas:

O primeiro é o nacionalismo “germanófilo”, anticatólico, baseado na ciência dos pensadores alemães, na admirável organização político-comercial alemã antes da guerra e nas vantagens oferecidas pela colonização alemã⁵⁸. Bomilcar considera esta colonização aceitável, porque os colonos alemães eram agricultores e podiam ser assimilados, desde que obrigados ao estudo da língua e das coisas brasileiras. O germanófilo erra, entretanto quando despreza os elementos nacionais ao admitir o conceito das “raças inferiores”, “colocando portanto a todos nós, mestiços destas *raças*, na expectativa de uma absorção em nome da Estética do Progresso e da Civilização.”⁵⁹

O segundo nacionalismo equivocado é o “nacionalismo raça-latina”, que nos diz ser nosso povo, nossa raça e a nossa língua latinos. Esse tipo de nacionalismo nos faz desvalorizar o que é nosso e copiar a constituição americana, assim como a cultura, a

⁵⁵ Idem, Ibidem

⁵⁶ Idem, Ibidem

⁵⁷ Idem, Ibidem

⁵⁸ Idem, Ibidem

⁵⁹ Idem, p.137

moda e os costumes franceses. Foi essa mentalidade que nos fez absorver a França. Esse tipo de nacionalismo deve ser contido por ser um instrumento da desnacionalização⁶⁰.

O terceiro e último é o nacionalismo que em nome da herança ancestral da linguagem, semeia o preconceito de cor e tenta criar entre nós o culto de duas mães-pátrias. Esse patriotismo fora chamado pelos intelectuais de jacobinismo português. São defensores os que taxam de preguiçosos os brasileiros que se candidatam a empregos no comércio e os que fazem apelo ao alistamento militar dos brasileiros. Este é o nacionalismo das classes conservadoras, que conservam o privilégio de exportar para outra pátria os lucros de seus negócios, roubando o ouro ganho no Brasil⁶¹.

Entretanto Bomilcar afirma que sua luta não é contra os portugueses que acatam nossas leis e tradições, mas contra a hegemonia portuguesa no comércio e na imprensa. Esse antilusitanismo era partilhado por várias correntes de opinião, principalmente na capital federal, por intelectuais como: Silvio Romero, Alberto Torres, Manuel Bonfim. Para Bomilcar em vez de gastar tempo com a literatura internacional dever-se-ia voltar a atenção para ciência nacional, representada por autores nacionais como os citados anteriormente⁶².

Segundo Lippi, a intenção deste autor era escrever para os desqualificados nacionais, vadios e ociosos, ex-praças das corporações armadas, pescadores e pequenos diaristas rurais. Preocupa-se também com aqueles que, capazes de algum estudo, estão “fora do ambiente comercial dos gabinetes e academias”⁶³. Seriam estes os elementos que constituiriam o povo capaz de sentir e lutar pelo nacionalismo. Em Álvaro Bomilcar o povo sempre aparece associado ao proletariado de cor, ao mestiço espoliado, ao pequeno agricultor e ao mísero abandonado trabalhador rural, sintetizado na figura do sertanejo⁶⁴.

O que podemos observar a partir das reflexões feitas anteriormente é que foram duas as correntes de pensamento que procuraram elaborar a República, a primeira está preocupada com a soberania republicana e recupera na história os movimentos precursores da república. Acusa o Império de ser responsável pelo atraso e atribui a presença lusa alguns dos defeitos do “caráter nacional”, tais como o parasitismo e o preconceito contra o negro e contra o mulato e condena a integração, considerando

⁶⁰ Idem, Ibidem

⁶¹ Idem, p.138

⁶² Idem, Ibidem

⁶³ Idem, Ibidem

⁶⁴ Idem, Ibidem

falsa, entre o Brasil e a raça latina⁶⁵. Já a outra ideia compromete-se a escrever uma nova história da nação, porém teve que dialogar com a outra, não mais defensora do regime monárquico, mas organizada sobre valores naturais de longa duração como a terra e o caráter do ser humano que a habita. Esta corrente chamada de “ufanismo”, está menos ligada a eventos e figuras do mundo da política do que a elementos componentes do mundo da cultura. Sua interpretação da história da nação está recheada de elementos que reforçam o otimismo o que a faz, segundo a autora, ter maior aceitação⁶⁶.

⁶⁵ Idem, p.142

⁶⁶ Idem, p.143

CAPÍTULO II: OS INTELLECTUAIS E A REPÚBLICA

2.1 O ofício do literato e sua marginalização social

Com o intuito de contextualizar Lima Barreto e o papel da literatura no início do regime republicano, analisaremos agora a trajetória social de alguns dos escritores da República Velha no Brasil, retomando questões colocadas por Sérgio Miceli. Será retratada a trajetória de alguns escritores, bem como os estigmas sociais que os conduziram à carreira literária. Por último, serão realizados alguns apontamentos que dizem respeito ao destino destes que optam pela carreira literária, com base no trabalho realizado por Nicolau Sevcenko.

Segundo Miceli, no início da República desenvolveram-se condições favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária de modo a constituir um campo intelectual relativamente autônomo⁶⁷. Para o autor, neste período não existiam posições intelectuais autônomas em relação ao poder político. Dessa forma, as condições necessárias para o desenvolvimento da atividade intelectual vão depender quase que por completo dos grupos que exercem o trabalho de dominação⁶⁸. O autor ressalta que, em termos práticos, a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, nesse sentido os escritores eram obrigados a se adaptar aos ditames colocados por ela.

No que diz respeito aos motivos que impulsionariam um indivíduo ao trabalho intelectual no contexto do início da República, Miceli menciona algumas características comuns: a primeira seria o fato de que estes letrados serem de famílias oligárquicas em declínio e possuírem relações de parentesco ou compadrio com a classe dirigente. Outra característica seria a posição de destaque na linhagem da família como, por exemplo, ser filho único ou o primogênito. E, por último, o autor destaca o acontecimento de algumas tragédias pessoais citando como exemplo a morte do pai, falência material da família, ou então estigmas corporais como a gagueira, surdez ou alguma doença⁶⁹. Para Miceli, estas diferentes formas de mutilação social tendem a bloquear o acesso as carreiras que orientam o preenchimento das posições dominantes no âmbito das frações dirigentes e, por essa razão, determinam, ainda que de maneira negativa, uma inclinação para carreira de intelectual.

⁶⁷ MICELI, S. Intelectuais à brasileira, São Paulo, Cia. Das Letras 2001, p. 16.

⁶⁸ Idem, p.17

⁶⁹ Idem. P.22

Segundo o autor, para as famílias que tiveram seu capital social dilapidado, há necessidade de se valer do capital de relações sociais. Neste sentido é que se define a escolha do curso superior do filho, seu casamento e/ou a nomeação para cargos públicos. Ainda sim, Miceli reitera que estas famílias não conseguem retornar a posição social que lhe era atribuída anteriormente⁷⁰.

O autor afirma que a prestação de diferentes tipos de serviço, desde o trabalho político do pai até os mais diversos trabalhos femininos vão permitir que as famílias em declínio da oligarquia passem a ocupar novas posições criadas pela expansão do mercado de postos administrativos e de serviços. Miceli argumenta que se tais famílias obtiveram êxito na ocupação destes cargos, isto se deve ao fato de que suas estratégias de reconversão do capital social coincidiram com o surgimento de postos disponíveis, o que veio favorecer aos seus interesses⁷¹.

A análise da biografia de alguns literatos da Primeira República realizada por Miceli nos ajudará a compreender melhor os argumentos acima elaborados, ao mesmo tempo em que nos permitirá contextualizar Lima Barreto e os intelectuais do seu tempo. Posteriormente partiremos para análise realizada por Sevcenko, que diz respeito ao alcance político dessa literatura com o intuito de observar o destino de Lima Barreto enquanto escritor.

Segundo Miceli, a biografia de Humberto de Campos Vêras ilustra de modo típico-ideal a reconversão a uma carreira literária determinada, dentre outros motivos pela falência econômica e pela morte do pai envolvem um certo tipo de mobilização de capital de relações sociais⁷². A orfandade, e, ainda mais, a morte do pai, estabeleceu uma modalidade particular de dependência em face da oligarquia, qual seja, a sujeição mediada pelas relações que mãe mantém com os parentes ricos, no caso, com a família do marido. Os inúmeros trechos em que Humberto relata o trabalho de sua mãe, de suas tias e de sua meia-irmã evidenciam uma espécie de consciência, em estado prático, dessa dependência. Os trabalhos de costura constituem a prestação essencial com que os “parentes pobres” podem contribuir para oligarquia, que por sua vez, se incumbe de fornecer os instrumentos de trabalho, de definir as formas de produção, as modalidades de comercialização, a margem de lucro⁷³.

⁷⁰ Idem, p.23

⁷¹ Idem, Ibidem

⁷² Idem, p.30

⁷³ Idem, p.31

A costura, argumenta Miceli, possibilita aos “parentes pobres” o acesso às famílias dominantes de sua classe de origem com tudo o que tal proximidade implica em termos de prospecção de postos e de carreiras disponíveis para seus filhos para si mesmos. O trabalho feminino é ainda mais desvalorizado quando, como no caso de Humberto, o recurso à oligarquia se faz por intermédio da mãe⁷⁴. A costura simboliza a própria relação em falso dos “parentes pobres” com a oligarquia, o “gosto” constitui o único bem que lhes sobrou de sua convivência com ela. O “gosto” e os contatos sociais requeridos pelo trabalho de costura encomendado pela oligarquia pressupõe o domínio prático de todo estudo estilo de vida dessa classe. Como atividade “artística”, a costura prenuncia de certa maneira o trabalho literário; ela realiza uma forma particular de trabalho simbólico no plano do gosto. Por exigir muitos cuidados, minúcias e um bom acabamento para produzir diferenças mínimas, a costura é ao mesmo tempo a mediação prática pela qual um dado agente interioriza a experiência do declínio por meio da qual um novo projeto, a vocação intelectual, pode concretizar-se pela feminização da família e da criança⁷⁵.

O fato de haver freqüentado escolas de “mulheres”, de quase todos os homens do lado materno serem professores primários e os diretores dos colégios de sua cidade serem ambos ex-seminaristas, a participação de Humberto nos trabalhos de costura de sua casa, evidencia a extensa série de eventos familiares e sociais pelos quais a perda das condições necessárias à reprodução social do pai se faz acompanhar por um abandono progressivo do modelo masculino de modo a reconvertê-lo num literato⁷⁶.

A trajetória de Lima Barreto explica-se ao mesmo tempo pela presença de um padrinho rico que patrocina seus estudos e pela loucura do pai ao fim de sua adolescência. O pai e mãe de Afonso Henriques de Lima Barreto eram filhos naturais de escravos. Tendo realizado estudos de humanidades no Instituto Comercial da Corte e seu aprendizado de tipógrafo no Imperial Instituto Artístico, seu pai tencionava estudar medicina e esteve mesmo prestes a fazer alguns dos exames preparatórios⁷⁷. Aos vinte anos, já trabalhava como tipógrafo em um jornal carioca; seu desempenho eficiente lhe garantiu não apenas diversas promoções, mas também a proteção de Afonso Celso, Visconde de Ouro Preto, então Ministro da Fazenda. Em 1888, o pai de Lima Barreto publica a tradução do *Manual do aprendiz compositor*, de autoria de Jules Clayde, e no

⁷⁴ Idem, p.32

⁷⁵ Idem, Ibidem

⁷⁶ Idem, Ibidem

⁷⁷ Idem, p.33

final do mesmo ano é chamado para trabalhar na *Tribuna Liberal*, jornal que defendia os interesses políticos do Visconde, compadre, agora chefe do último gabinete imperial⁷⁸. Em 1888, o pai de Barreto demite-se da Imprensa Nacional antes que o demitam. Em seguida, com o apoio do ministro da Justiça Cesário Alvim, que era ligado a Ouro Preto, é nomeado escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador, sendo logo promovido a almoxarife.

Apesar de ter sido de uma grande família senhorial decadente, a mãe de Barreto recebeu a “melhor” educação “que seria possível às mocinhas de sua condição chegando mesmo a tirar diploma de professora pública⁷⁹”. Após seu casamento, abre uma escola primária para meninas falecendo em 1887. De volta de seu primeiro exílio, Ouro Preto dispõe-se a financiar os estudos de seu afilhado Barreto. Tendo feito suas primeiras letras com a mãe, Lima ingressa no Liceu Popular Niteroiense, onde completou o secundário e parte do suplementar⁸⁰. Obtendo aprovação nos exames preparatórios que prestou ao Ginásio Nacional, matricula-se no anexo ao Colégio Paula Freitas, que preparava os candidatos ao curso de engenharia; é aprovado no concurso de ingresso para a Escola Politécnica. A perda da proteção financeira de seu padrinho se fazem acompanhar por inúmeros fracassos escolares; quando seu pai enlouquece, Barreto acaba abandonando a Escola Politécnica prestes a conseguir o diploma. Em seguida é aprovado num concurso público e obtém uma vaga de amanuense na Secretaria de Guerra; aproxima-se de círculos literários marginais, começa a dar aulas particulares e a colaborar na imprensa carioca⁸¹.

Desse modo, a presença do padrinho permite a Lima Barreto orientar-se num primeiro momento para uma carreira relativamente distante do pólo intelectual, a profissão de engenheiro. Embora venha compensar a escassez de meios materiais de que dispunha a sua família, a presença de Ouro Preto consegue assegurar apenas uma adesão precária às carreiras (masculinas) dominantes. Entretanto, por conta dos desacertos ocorridos em sua trajetória de vida, Lima Barreto acaba por desistir do projeto paterno de convertê-lo num “júnior da classe dominante”⁸².

Nos casos de Humberto de Campos e Lima Barreto, estigmas como a gagueira, a feiúra, a surdez e o fato de serem mulatos reforçam os efeitos provocados pela falência

⁷⁸ Idem, Ibidem

⁷⁹ Idem, p.34

⁸⁰ Idem, Ibidem

⁸¹ Idem, Ibidem

⁸² Idem, Ibidem

do pai e a interiorização das disposições exigidas dos agentes predestinados às carreiras intelectuais, porém Miceli nos mostra que, a trajetória de Vivaldo Coaracy, cujos trunfos posicionais (filho único) não sofriam o contrapeso de estigmas, constitui um caso em que os efeitos da falência do pai são postergados, por conseguinte, a reconversão a uma carreira intelectual manifesta-se tardiamente⁸³.

Vivaldo Coaracy, filho único de um casal de jornalistas cariocas, fica órfão de pai e mãe aos dez anos, sendo adotado por um tio cuja esposa era parálitica. Desentendimentos com o seu tio levam-no a deixá-lo, indo morar com Licínio Cardoso, professor da Escola Politécnica e da Escola Militar, filósofo e autor de diversos ensaios a respeito da sociedade brasileira. Sendo obrigado a deixar a Escola Militar por ocasião da revolta dos cadetes, em 1904, vai para Porto Alegre, onde começa a trabalhar num pequeno jornal destinado ao interior do estado. Despedido desse emprego, torna-se em seguida professor particular, professor secundário e, graças suas economias, consegue ingressar no curso de eletrotécnica da Escola de Engenharia; acaba tornado-se professor de matemática no mesmo instituto e, ao mesmo tempo, passa a colaborar regularmente num Jornal de Porto Alegre. Em 1911 conclui o curso de engenheiro eletrotécnico e é mandado para os EUA para aperfeiçoar-se. De volta em 1913, escreve um livro sobre o ensino técnico norte-americano e integra-se ao corpo docente do Instituto de Eletrotécnica, galgando todos os degraus da hierarquia acadêmica e política nesse estabelecimento. Se, em certa medida, tanto sua passagem pela Escola Militar como o ingresso na Escola de Engenharia eram “escolhas” que se inspiravam no modelo de seu tutor Licínio Cardoso, é ainda por intermédio deste que vai obter um cargo numa empresa de eletricidade em São Paulo, para onde se transfere em 1920⁸⁴.

Sendo assim, Miceli afirma que Vivaldo terá então condições de constituir sua própria rede de relações sociais junto à burguesia local. Até esse momento havia escrito apenas alguns versos e um romance que passam despercebido; em 1924 publica outro romance. A partir daí, estará cada vez mais envolvido nas tarefas políticas e ideológicas de que se incumbiam os principais integrantes do estado-maior intelectual da burguesia paulista⁸⁵. Muito embora, ao longo de suas memórias, faça inúmeras referências à sua “veia” literária, sua atividade como escritor se consolidará com sua inserção nos quadros intelectuais a serviço do projeto político revanchista que essa mesma burguesia

⁸³ Idem, p.36

⁸⁴ Idem, p.37

⁸⁵ Idem, Ibidem

assume. Mesmo em Porto Alegre, antes de entrar no curso de eletrotécnica, a anistia concedida aos cadetes revoltosos e a instalação de uma escola militar na capital gaúcha fazem-no repensar a carreira militar como alternativa capaz de livrá-lo de uma rejeição social. A reconversão ao trabalho intelectual ocorre mais tarde após o suicídio de seu segundo tutor, ou seja, a atividade como literato é ativada por um estigma que sucedeu tardiamente em sua vida: a morte de Licínio Cardoso⁸⁶.

De acordo com Miceli, a doença, e em fins do século XIX e começo do século XX, a tuberculose e as afecções respiratórias como a bronquectasia, provoca efeitos sociais semelhantes àqueles produzidos pela perda do pai. Pode ocorrer que a doença venha juntar-se à orfandade, como no caso de Paulo Setúbal, segundo filho de um comerciante do interior do estado de São Paulo, órfão de pai aos quatro anos, tuberculoso aos dezenove, e prensado entre a batina e a carreira jurídica⁸⁷.

Manuel Bandeira representa o caso típico-ideal da reconversão provocada pela doença. Nascido em Recife em 1886, acompanha sua família para o Rio dez anos mais tarde. Descendente de famílias tradicionais, filho de um engenheiro cuja situação material era remediada, desde cedo o pai cultivou nele uma “inclinação” pela arquitetura, inculcando-lhe a ideia de que o arquiteto estaria das profissões, acima do politécnico⁸⁸. Depois de concluir o bacharelato em letras no Ginásio Nacional, no Rio de Janeiro, Manuel Bandeira matricula-se no curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo e no Liceu de Artes e Ofícios. No liceu desenhava, pois desejava ser arquiteto⁸⁹.

No final do ano letivo de 1904, fica tuberculoso, sendo obrigado a largar os estudos. É desse momento que, segundo Miceli, se pode datar sua reconversão à literatura; até a publicação de sua primeira coletânea de versos *A cinza das horas*, atravessa muitas crises neste período lhe é permitido um investimento propriamente intelectual que constitui o fundamento de seu imenso domínio prático e simbólico do “ofício” do poeta e que mais tarde vai lhe permitir, ao lado de sua obra poética, um amplo trabalho de celebração das grandes figuras da poesia brasileira. Ainda sim, Micelli reitera que não é propriamente a doença que o converte em poeta, mas as

⁸⁶ Idem, p.38

⁸⁷ Idem, p.43

⁸⁸ Idem, Ibidem

⁸⁹ Idem, Ibidem

condições de vida que a doença impõe, cortando a possibilidade de cumprir a carreira prevista pelo pai, bem como de assumir qualquer outra trajetória homóloga⁹⁰.

Outro literato mencionado por Miceli é Paulo Setúbal. Para este, a tuberculose não faz outra coisa senão reforçar os efeitos provocados pela perda do pai. Após realizar os estudos secundários numa escola dirigida pelos irmãos maristas, que, por conta de seu bom desempenho, convidaram-no a tornar-se irmão do Carmo, Paulo Setúbal decide matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Entretanto, cindido entre as influências anticlericais de um grupo de amigos de seu irmão mais velho, estudante de direito, e o catolicismo de sua mãe, que possuía muitas amizades no alto clero, acaba desistindo dos estudos de direito para entrar no seminário. Ao cabo de algumas entrevistas com o reitor do Seminário Diocesano e com o então arcebispo de São Paulo, acerta seu ingresso, mas antes mesmo de iniciar o retiro espiritual, acaba também desistindo do seminário e da irmandade do Carmo. Aos dezenove anos fica tuberculoso e, aos 22, consegue entrar no segundo ano da faculdade de Direito⁹¹.

O capital de relações que sua mãe desfrutava junto ao clero permite a Paulo Stúbal vislumbrar a via eclesiástica, até que a tuberculose faça com que se volte para carreira literária. Embora consiga livrar-se da batina, na expectativa de seguir, cursando a Faculdade de Direito, o modelo masculino de seu irmão mais velho, a doença o recoloca numa posição que se distancia das posições dominantes e masculinas⁹².

Miceli também nos esclarece a respeito de escritores que tiveram sua carreira impulsionada pela atividade política, dentre estes destaca Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria, que era filho de um grande comerciante numa cidade do interior do estado de Sergipe, que havia enriquecido como intermediário na comercialização da cana-de-açúcar. Envolvido nas lutas políticas regionais, este chega a se tornar prefeito desta cidade. Gilberto era o primogênito de quatorze filhos e depois de ter sido interno num colégio da capital do estado, matricula-se na Faculdade de Medicina da Bahia, nesse momento seu pai entra em falência e este é obrigado a aceitar a ocupação de empreiteiro nas obras de uma estrada de ferro⁹³. Posteriormente ingressa no curso de farmácia e o conclui aos catorze anos, dessa forma planeja retornar à Bahia para realizar o curso de medicina, que alguns de seus professores se dispunham a patrocinar. Nesse meio tempo, um amigo de seu pai torna-se governador do estado e

⁹⁰ Idem, p.44

⁹¹ Idem, p.46

⁹² Idem, p.47

⁹³ Idem, p.49

consegue do chefe do partido local que a Assembléia Legislativa lhe conceda uma bolsa para estudar direito em Recife.

É neste sentido que Miceli afirma que, nos casos em que a falência econômica do pai não provoca um processo completo de relegação e a família logra mobilizar a curto prazo seu capital de relações, os filhos de “parentes pobres” podem ter acesso a posições de mando criadas pela expansão das instituições administrativas e políticas. Tal reconversão viabiliza-se ao contar com a garantia do trabalho político do pai a serviço dos interesses de sua classe de origem. Todavia semelhante àqueles se reconvertem seu capital social para o trabalho feminino, para estes também é impossível o retorno à posição oligárquica dominante⁹⁴.

A trajetória de Gilberto sucede da seguinte maneira: aos vinte anos, ele obtém um lugar num jornal de Recife que defendia os interesses da facção paterna; escreve crônicas políticas inspiradas pelo chefe do partido, notas de leitura e elogios a respeito das grandes figuras literárias e políticas do Rio de Janeiro; assume a seção de crítica teatral. Após a queda do grupo político que o protegia, o pai foge com a família para a Bahia, e Gilberto, que tinha então 23 anos, vai para o Rio de Janeiro. Consegue um cargo no serviço público de estatística e, no ano seguinte, é nomeado para cadeira de direito comercial da Faculdade de Recife; passa a responder por uma seção no jornal da facção dominante no plano federal (*O País*), escreve editoriais políticos em um outro jornal importante do Rio de Janeiro e passa a colaborar em um jornal paulista. Com 27 anos, faz sua primeira viagem à Europa, designado em missão oficial pelo ministro das Relações Exteriores, que assim quis compensá-lo pelos elogios a seu respeito que Gilberto publicara em *O país*. Dois anos mais tarde, é eleito deputado por Pernambuco com o apoio de Pinheiro Machado. Com a morte de Pinheiro, não consegue reeleger-se, mas logo depois é outra vez indicado para deputado, e em 1924, elege-se senador⁹⁵.

Neste sentido podemos concordar com Miceli quando este afirma que enquanto os escritores cujo capital de relações sociais depende do trabalho feminino não conseguem enxergar nenhuma carreira política, os filhos dos “parentes pobres”, cujo capital de relações sociais recebe a garantia do trabalho político do pai, não conseguem de início vislumbrar as carreiras simbólicas, como, por exemplo, a do clero. Em outras palavras, no curso da extensa série de eventos e práticas mediante os quais eles se apropriam do *habitus* de sua classe de origem, os filhos dos “parentes pobres”

⁹⁴ Idem, p.50

⁹⁵ Idem, Ibidem

incorporam também os estereótipos e a definição do espaço social, vale dizer, aprendem a reconhecer o que é um trabalho ou uma carreira de “homem” e a distingui-los de um trabalho ou de uma carreira de relegação, em que o acesso está reservado àqueles cuja trajetória se realiza por intermédio das mulheres e de seus trabalhos⁹⁶.

Outro autor citado por Miceli é José Maria Bello que originário de uma antiga família de grandes proprietários de terras e primogênito de dez filhos, consegue entrar na Faculdade Direito, obtendo um cargo público na Biblioteca Nacional, além de vários outros cargos, até tornar-se alto funcionário da Câmara dos Deputados; por último, enceta uma carreira política, a despeito da falência econômica de seu pai e da maioria de seus tios paternos. Sua carreira política deve-se ao apoio político que lhe prestou seu primo e chefe Estácio Coimbra, cujo pai havia comprado a propriedade do pai de José Maria Bello. Sua ascensão política dependerá inteiramente, nos bons e maus momentos, do destino político de seu primo⁹⁷.

Dessa forma Miceli argumenta que embora a modalidade inicial de inserção nos quadros dirigentes seja a atividade jornalística e/ou um cargo público, a carreira dominante, para a qual convergem as esperanças dos escritores, continua sendo o ingresso nos quadros políticos que assumem a representação da oligarquia na Câmara e no Senado, ou então, raras vezes, um mandato de ministro. Tal fato não impede, todavia, que muitos escritores, sobretudo aqueles não dispõe, dos trunfos sociais e políticos exigidos para carreira política, mostrem certa inclinação para transmutar o fracasso político em vocação irresistível para ser letrado, professor ou jornalista⁹⁸. De outro lado, a Câmara e o Senado, nas condições da divisão do trabalho de dominação da época, em vez de interromperem uma trajetória intelectual, constituíam instâncias importantes de produção ideológica no campo intelectual. Não obstante, ao menos nos casos de José Maria Bello e Gilberto Amado o período de “presença na política”, corresponde à fase em que a produção intelectual é mais esparsa e “depois da política” se mobiliza as disposições exigidas para o trabalho intelectual em bases regulares fazendo-se acompanhar em geral pela retomada da carreira no magistério e/ou jornalismo profissional e militante. Os cinco volumes das memórias de Gilberto Amado

⁹⁶ Idem, p. 51

⁹⁷ Idem, Ibidem

⁹⁸ Idem, Ibidem

são posteriores ao período de seu apogeu político, assim como boa parte da produção historiográfica de José Maria Bello aparece após seu declínio político⁹⁹.

O que vemos então é que a atividade literária na República Velha, de acordo com as proposições feitas por Miceli, tem como característica problemas relacionados à perda do pai, que incorre na falta de um modelo masculino e, por conseguinte, na feminização do ofício do homem, a falência material da família e a disposição para se assumir o trabalho político do pai. Neste sentido, observamos que por si só a carreira literária assumia um caráter de relegação social, e é este aspecto que procuraremos explorar ao nos utilizarmos dos estudos de Nicolau Sevcenko.

Para o autor, os intelectuais ativos no processo de transformação social por qual passava o Brasil no contexto do exercício da atividade literária em meados da Primeira República acreditavam que o único modo para o desenvolvimento das letras seria o rompimento com o passado Imperial e a inserção do país no fluxo cultural europeu. Dessa forma abrir-se-iam as possibilidades para um mundo novo liberal, democrático e progressista¹⁰⁰. Neste sentido, o engajamento se torna condição ética para os homens de letras.

De acordo com o autor, as principais ideias defendidas por estes intelectuais seriam a atualização do modo de vida da sociedade brasileira inspirada pelos moldes europeus, a modernização das estruturas da nação inserindo-a no modelo internacional, e a melhora das condições materiais e sociais da população¹⁰¹.

Essa elite foi responsável por vários dos fenômenos que mudaram o cenário da política, economia e sociedade brasileiras. Eram em sua maioria republicanos, abolicionistas e liberais. Seus argumentos eram as novas ideias europeias, sendo que tinham como intenção propagá-las no Brasil. Sendo assim, Sevcenko ressalta que o caráter mais marcante desta geração de artistas e intelectuais é atribuir validade apenas às formas de criação e reprodução cultural que incentivassem a mudança social¹⁰².

No que diz respeito ao contexto europeu o autor ressalta que a relação entre desenvolvimento cultural e crescimento material no curso das transformações políticas ocorridas na Europa durante a década de 1870 era evidente. Sevcenko salienta três aspectos desta relação: o primeiro e surgimento da teoria darwinista que proporciona uma nova explicação para o surgimento da humanidade; em segundo lugar temos os

⁹⁹ Idem, p.42

¹⁰⁰ SEVCENKO, N. Literatura como missão, São Paulo, Brasiliense, 1995, p. 78.

¹⁰¹ Idem, p.79

¹⁰² Idem, p.81

desenvolvimentos na área da microbiologia, que permitiu a Revolução Sanitária promovendo a explosão demográfica e a urbanização; e em terceiro lugar as pesquisas no campo da física e da química. O autor ressalta que esse desdobramento a nível mundial da cultura europeia permite a europeização das consciências, pois seria o único pensamento compatível com a ordem econômica mundial unificada. Dessa forma, fornece subsídio para as mudanças nas sociedades tradicionais¹⁰³.

O problema a ser resolvido pelos intelectuais brasileiros incorria no fato de que a nação não estava completamente formada e possuía o Estado reduzido ao servilismo político, nesse sentido havia necessidade de remodelação do aparato estatal. Estes foram os elementos que constituíram toda preocupação dos intelectuais brasileiros que tinham como objetivo a atualização do Brasil frente ao modelo europeu e americano¹⁰⁴.

Sendo assim, os escritores entregam-se ao estudo do mais variados aspectos da realidade brasileira. Sevcenko ressalta que este nacionalismo não conformava-se em simplesmente adaptar as ideias europeias à realidade brasileira, mas culminava sim num estudo sério que tinha como consequência criar um saber próprio sobre o país, nos moldes propostos pelo cientificismo, mas não necessariamente influenciado por ele. “Uma ciência sobre o Brasil seria a única maneira de garantir uma gestão lúcida e eficiente do seu destino”¹⁰⁵.

Entretanto, Sevcenko assinala que estes intelectuais tiveram um destino trágico, pois suas intenções modernizadoras, mesmo que vitoriosas, acabam por os marginalizar. Mesmo que no momento do triunfo de seus ideais são transformados em personagens socialmente inúteis. O autor chama atenção para o fato que a abolição da escravidão em 1888 e o advento da República em 1889, significou a experiência mais traumática desta geração¹⁰⁶.

Segundo o autor, as disputas políticas características deste período revelam uma República gerida pela irracionalidade e incompetência. Neste sentido o autor afirma que os homens de talento foram postos de lado, de modo que a república era comandada por aventureiros, oportunistas e arrivistas de todo o tipo¹⁰⁷. Sendo assim, Sevcenko argumenta que a imensa transformação social, cultural e econômica que estes autores ajudaram a realizar tomou um rumo inesperado e contrário às suas expectativas. Ao

¹⁰³ Idem, p.82

¹⁰⁴ Idem, p.83

¹⁰⁵ Idem, p.85

¹⁰⁶ Idem, p.86

¹⁰⁷ Idem, p.87

invés de entrarem para universos fundados nos valores da razão e do conhecimento, que premiasse a inteligência e a competência como prestígio e as posições de comando, viram tudo reduzido ao mais volúvel dos valores: o valor do mercado¹⁰⁸.

Neste sentido, Sevecenko afirma que a transformação destes intelectuais numa pequena comunidade de eremitas, corresponde a um episódio traumático no desenvolvimento da história cultural do país. Entretanto, o autor afirma que abandonados enquanto potencialidades sociais acabam por se distanciar da realidade, mas ainda sim comportam-se criticamente quanto aos poderosos da sociedade, sem porém uma ressonância pública efetiva¹⁰⁹.

Fundamentalmente é este o contexto que se encontra Lima Barreto no início da Primeira República, um contexto onde, como podemos observar, o autor é duplamente marginalizado: primeiro por optar por uma profissão de características eminentemente femininas e em segundo lugar enquanto escritor de característica combativa é traído devido ao fato de que a nação passa a ser gerida por seus algozes. Sendo assim, podemos considerar a única alternativa que podemos considerar para Barreto é a relegação social.

¹⁰⁸ Idem, p.92

¹⁰⁹ Idem, p.93

CAPÍTULO III: A REPRESENTAÇÃO DA NAÇÃO: O CASO *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

Neste capítulo serão exploradas algumas questões relacionadas à representação identidade nacional brasileira na obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Para tanto serão desenvolvidos três tópicos, a saber: *Policarpo Quaresma e a identidade nacional em Lima Barreto; Patriotismo às avessas: os militares e o passado; Mulheres e sua representação nacional*.

No primeiro item será delineada a trajetória de Policarpo Quaresma. Esta pode ser explicada sumariamente da seguinte maneira: a) primeiramente um projeto lingüístico com o intuito de tornar o tupi-guarani como língua oficial e dessa forma resgatar a nacionalidade; b) posteriormente temos o projeto agrícola de Quaresma com o intuito de valorizar o solo brasileiro; c) o projeto político de apoiar o Marechal Floriano Peixoto na Revolta da Armada na intenção de realizar reformas administrativas no Brasil.

Neste item também será possível observar a crítica que Barreto faz a alguns dos ideais difundidos com veemência pela República, por intermédio dos exageros nacionais e ufanistas de Quaresma e do modo como este se relaciona com os demais personagens.

A segunda questão a ser desenvolvida neste capítulo, diz respeito a como o passado é tratado na obra. No referido item temos opinião de militares a respeito do assunto e algumas reflexões de como a opinião destes personagens reflete o modo como Lima Barreto pensava o passado da nação.

Por fim, teremos a explicação de como as mulheres são inseridas no contexto da nação. Serão analisadas as trajetórias de Adelaide, Ismênia, Olga e Quinota, com o intuito de elucidar tal questão. Tal item também tornará possível estabelecer contato entre as mulheres e o universo das ambições masculinas no período da Primeira República.

Estes três itens têm como objetivo analisar a fundo o resgate que Lima Barreto faz dos personagens que compõe a República. Temos aqueles intelectuais, que por não compactuarem com o modo pelo qual a nação era gerida e foram postos de lados. Também são considerados aqui os militares que simbolizavam o progresso da nação, mas que aqui são tratados de maneira irônica. Por fim, temos as mulheres que num universo eminentemente masculino são trazidas por Barreto, mesmo que de modo marginalizado.

Com o intuito facilitar a compreensão dos aspectos discutidos neste capítulo, procuramos elaborar uma tabela que procura elucidar os principais aspectos dos personagens que aqui serão avaliados. Para elaboração desta tabela, foram considerados os seguintes itens: nome, ocupação, onde transita, interesses, cônjuge e de que modo o personagem representa o nacional.

Tabela I – Personagens da Trama

Nome	Ocupação	Onde Transita	Interesses	Cônjuges	Representação Nacional
Policarpo Quaresma	Subsecretário no arsenal de guerra	Subúrbio/campo	Patriota convicto em todas suas ações procura elaborar ideias de como emancipar a nação.	-	Patriota interessado tão somente na elevação da nação
Ismênia	Esposa	Subúrbio	Tinha como objetivo o casamento com o dentista Cavalcanti	Cavalcanti	Demonstra a condição e os interesses da mulher no subúrbio. Ao ver sua realidade se transformar em frustração, pois é abandonada por Cavalcanti, enlouquece.

Albernaz	General/ pai/ marido	Subúrbio	<p>Para fazer-se respeitado conta história de batalhas onde não esteve.</p> <p>Realiza trabalhos burocráticos em sua sessão.</p> <p>Tem como preocupação casar suas filhas Ismênia, Quinota, Zizi, Lalá e Vivi.</p>	Maricota	Mesmo fazendo parte do exército, que na Primeira República fora considerado o expoente máximo para condição da emancipação nacional, é um militar que age em favor de interesses pessoais
Vicente Coleoni	<p>Comerciante</p> <p>Quitandeiro italiano (imigrante) ajudado por Quaresma numa adversidade financeira. Após esse caso torna-se seu compadre e enriquece as custas de seu ofício.</p>	Subúrbio/campo	-	-	<p>Representa de modo peculiar a situação do imigrante no Brasil</p> <p>Demonstra o caráter contraditório de Quaresma que exalta o nacional de maneira exagerada entretanto é amicíssimo de um imigrante</p>

Olga	Esposa/afilhada de Quaresma/ Filha de Vicente Coleoni	Subúrbio/campo	Casar-se com um doutor	Armando Borges	<p>Pequena burguesa adaptando-se ao Rio de Janeiro e sua inserção na <i>Belle Époque</i></p> <p>Representa a condição excepcional de uma filha brasileira de imigrante.</p>
Cavalcanti	Dentista/Noivo	Subúrbio	Formar-se Dentista/Casar-se com Ismênia	Ismênia	<p>Representa a trajetória de um acadêmico na área das ciências biológicas.</p> <p>Não se sabe por qual motivo, vai para o interior e abandona sua esposa</p>
Quinota	Filha de Albernaz	Subúrbio	Casar-se com Genelício	Genelício	Demonstra a condição e os interesses da mulher no subúrbio.
Genelício	Empregado do Tesouro	Subúrbio	Subir na carreira	Quinota	Típico arrivista da <i>Belle Époque</i> tem como ambição melhorar de vida
Adelaide	Irmã de Quaresma	Subúrbio/Campo	-	-	<p>Não se casa aparece como uma espécie de tutora de Quaresma.</p> <p>Mulher simples à margem dos ideais</p>

					patrióticos e revolucionário do “grande intelectual do Brasil”
Armando Borges	Médico	Subúrbio/campo	Subir na carreira	Olga	Quer subir na carreira através do funcionalismo público
Marechal Floriano Peixoto	Presidente	Cidade	Libertar o país	-	É caracterizado como indolente e preguiçoso, reflete a imagem que Barreto tinha dos republicanos que subiram ao poder
Caldas	Contra-Almirante	Subúrbio	Promoção na sua carreira militar	-	Militar que mescla o patriotismo a favores pessoais que lhe concedem a ascensão em sua carreira
Inocêncio Bustamante	Major	Subúrbio	Promoção em sua carreira	-	Acredita na carreira militar como meio possível para ascensão social
Doutor Campos	Presidente da Câmara	Campo	Favores políticos	-	Interessado em angaria prestígio vai até Quaresma solicitar apoio Representa uma política de mandonismos locais

3.1 Policarpo Quaresma e a identidade nacional em Lima Barreto

Neste item trataremos das ideias de patriotismo e nacionalidade veiculadas por Lima Barreto por intermédio das ambições de emancipação da nação que são claramente exageradas por intermédio de Policarpo Quaresma, o personagem principal da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*

Quaresma, como indicado na tabela, era subsecretário do Arsenal de Guerra no Rio de Janeiro e pode ser considerado como uma crítica de Lima Barreto à política da Primeira República. Para compreendermos melhor isso, convém que seja delineada a trajetória do personagem.

Já no início da trama quer aprender a tocar violão, que durante este período era um instrumento rebaixado e marginalizado, e quando indagado por sua irmã Adelaide o motivo de tal atitude, Quaresma responde: “convém que nós não deixemos morrer os usos genuinamente nacionais¹¹⁰”. O que podemos perceber aqui é o interesse de Lima Barreto pela cultura do subúrbio que era desconsiderada pela elite republicana e que para o autor precisava ser resgatada por dar voz aos humildes da República.

Essa intenção de resgatar os humildes deveria ser realizada pelos próprios intelectuais e podemos perceber isso no personificado “intelectual mosqueteiro”, Quaresma, que apreciava a literatura nacional contendo em sua biblioteca vários livros de crônicas de viajantes e da história do Brasil. O protagonista da trama também falava e lia francês, inglês e alemão – tudo isso com o intuito de se demonstrar patriota:

Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre o seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas com pleno conhecimento de causa¹¹¹.

Tal intenção de conhecimento total da nação com o único intuito de ver o país progredir, pode ser considerada como uma das ambições do próprio Lima Barreto se levarmos em consideração o fato de que, para ele, a literatura possuía um caráter utilitarista que tinha como um de seus objetivos não apenas a emancipação do país, mas libertação dos homens, como ressalta Sevecenko, mencionando que para Barreto: “a arte é pois um instrumento particularmente eficaz e predestinado. Sua correta utilização

¹¹⁰ BARRETO, L. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, disponível em: www.bookstore.com.br p.2.

¹¹¹ Idem, p.4

tem um efeito decisivo sobre a comunidade humana. (...) A única relação compatível com a sua grandeza e potencialidade é a ‘militância’”¹¹²

Policarpo Quaresma também dedica ao longo da narrativa ao estudo dos índios e do idioma tupi-guarani. Havia nestes estudos dois propósitos, o primeiro seria a elaboração de um sistema de festas e cerimônias baseadas nos costumes indígenas e o segundo seria a adoção do tupi como língua nacional, em contraposição ao idioma luso, legado da potência colonizadora. Quaresma vai tão fundo neste intento que chega a pedir por intermédio de um requerimento a mudança de idioma do país do português para o tupi, alegando que: “a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e portanto, a emancipação política do país requer como complemento a sua emancipação idiomática”¹¹³.

O que observamos aqui é que Barreto faz uma crítica à corrente pensamento de sua época de que o índio era indolente e preguiçoso. Pelo contrário, nesse fragmento podemos constatar a inclusão do índio como portador da identidade nacional, de modo que ao se apossar de uma ideia de viés puramente nacionalista, a do idioma nacional, Barreto confere aos índios uma posição de suma importância no que diz respeito a formação da identidade nacional brasileira.

Entretanto, Quaresma é ridicularizado por conta de seu requerimento, mas não desiste de ser patriota e numa pequena confusão acaba por traduzir um ofício para o tupi, o que gera a indignação de seus superiores, sendo na sequência internado num hospício. Após seis meses de internamento, o Major Quaresma recebe alta e retira-se para o sítio Sossego em Curuzu.

Neste sítio nosso protagonista muda o foco de seu patriotismo alegando que:

*(...) foram vãos aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que e linha de preencher, demais, com terras tão férteis, climas variados, a permitir uma agricultura fácil e rendosa, este caminho estava naturalmente indicado*¹¹⁴.

¹¹² SEVECENKO, N. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república, São Paulo, Brasiliense, 1999. p.168.

¹¹³ BARRETO, L. Triste Fim de Policarpo Quaresma, disponível em: www.bookstore.com.br p.24.

¹¹⁴ Idem, p.39

A partir disso, torna-se possível observar que Lima Barreto, tinha um amplo contato e conhecimento das correntes nacionalistas de sua época. Temos bem claro nesse fragmento a menção do ufanismo característico de Afonso Celso, que tinha como principal característica a ideia de que as terras férteis do país para além de lhe conferirem um caráter de civilidade iriam lhe conduzir a emancipação.

Outra atitude de Quaresma é a de organizar um museu das espécies florestais e animais do seu sítio. Também encomenda livros e compra instrumentos metrológicos com o intuito de que estes o auxiliem na lavoura. O que podemos considerar a partir desta cena, é que Barreto tinha consciência dos esforços que os intelectuais de orientação científicista tinham em catalogar a fauna, a flora e os minérios do Brasil. Ao mesmo tempo, de modo irônico, o autor menciona o descompasso entre os ideais científicistas e a prática já que todo o esforço empreendido no sítio Sossego fracassa, por conta de um ataque de formigas.

Dessa forma, podemos considerar que Lima Barreto empreende sua crítica não somente a uma corrente de pensamento, mas sim às perspectivas que de alguma maneira expunham as mais variadas ideias com o intuito de civilizar, ou redescobrir as potencialidades da nação brasileira.

Em seu retiro no Sossego, alguns políticos acabam por querer receber o apoio de Quaresma. Um deles é o Doutor Campos, que era presidente da Câmara de Curuzu. Neste episódio, Campos pede a Policarpo para que relate que não houve eleição na seção que situava-se na escola próximo a sua casa. Contudo, Quaresma se recusa alegando que não se mete em política e que não tinha partido¹¹⁵. Posteriormente a isto, nosso protagonista é intimado pela câmara a capinar e roçar a extensão de mil e duzentos metros, para além de seu sítio, pois suas terras impediriam a passagem pelas vias públicas. No documento constava a assinatura de Campos. Logo após, recebe de um policial outro documento referente ao fato de que não haveria pago os impostos por alguns alimentos de seu sítio que foram vendidos na cidade¹¹⁶.

Tais episódios elucidam a profunda preocupação de Barreto para com os empecilhos causados pela política, os que impediriam a sobrevivência do homem comum por intermédio da agricultura. Ao mesmo tempo, como consta na tabela, nota-se um indício de que para o autor da obra, a política do modo como era realizada não passava de mandos e desmandos de uma elite local preocupada apenas consigo. Dessa

¹¹⁵ Idem p.64-65

¹¹⁶ Idem p.66

forma, podemos concordar com Sevcenko, que para Barreto, “a politicagem desenfreada representava o pleno regime da irracionalidade administrativa percutindo por toda parte e sobre todos, gerando mal-estar, insegurança, privação, miséria e marginalização”¹¹⁷

Entretanto, Policarpo não desiste de seu projeto pela nação e após uma pequena reflexão, acredita na necessidade de uma reforma administrativa do país que vai para além do estudo do folclore brasileiro e de suas tentativas frustradas de promoção da agricultura nacional.

As expectativas de Quaresma agora repousam nas mãos do então presidente Marechal Floriano Peixoto, que estava responsável por combater os revoltosos que insurgiram contra o regime até então estabelecido. A partir de agora, o texto transita entre a crítica ao positivismo, a impressão que Barreto tinha de Floriano Peixoto e a desilusão com a pátria por parte de Policarpo, durante o episódio que ficara conhecido como “Revolta da Armada”.

A primeira destas questões pode ser elucidada através da seguinte passagem:

*Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Para a maioria a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteressante e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regime normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetichismo, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em escritura fonética e eleitos com sapatos de sola de borracha!*¹¹⁸...

Neste trecho notamos a possível aversão de Lima Barreto à corrente filosófica positivista que era amplamente difundida e aceita pelo exército. O autor confere a ela este aspecto negativo devido ao fato de que este a considerava como idealizadora de uma forma de governo ultracentralizadora, militarizada, ditatorial, alimentada,

¹¹⁷ SEVECENKO, N. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república, São Paulo, Brasiliense, 1999. P. 171

¹¹⁸ BARRETO, L. Triste Fim de Policarpo Quaresma, disponível em: www.bookstore.com.br p.69-70

sobretudo por fermentos anticlericais e antilusitanos¹¹⁹. E que dessa forma iriam de encontro as pretensões de solidariedade fraternal entre os homens pretendida pelo autor.

Já a imagem que Barreto deixa transparecer nesta obra de Marechal Floriano Peixoto era a de um líder sem qualidades intelectuais, um temperamento preguiçoso, de modo que, “pelos lugares onde passou, tornou-se notável pela indolência e desamor às obrigações dos seus cargos”¹²⁰. Mas Quaresma alimenta esperanças em Peixoto e lhe entrega um memorial onde descreve as devidas melhorias para que a agricultura brasileira pudesse se desenvolver. Este faz pouco caso do documento redigido por Policarpo chamando-lhe de maneira irônica de “Visionário”

Após este episódio, o nosso protagonista reflete o pouco caso que o Marechal faz de sua proposta:

*(...) Era pois para sustentar tal homem que deixava o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural?*¹²¹

Pode ser observado que, para além da imagem pitoresca que Barreto faz daquele que fora considerado um dos protagonistas do republicanismo no Brasil, este era um mau gestor da nação. Outra coisa que fica evidente na obra é o fato de que, para Barreto, o exército parece não ter alcançado a condição de instituição responsável por trazer a emancipação do país, ao mesmo tempo em que a república dirigida pelos militares parecia não se adequar as necessidades da nação.

Por último, temos a grande ironia da obra. Esta se dá já ao final da revolta, quando Policarpo é designado carcereiro na ilha das Enxadas local para onde eram designados os marinheiros prisioneiros. O que sucede é que Quaresma presencia a cena onde alguns dos prisioneiros são levados para serem executados. Indignado com a

¹¹⁹ SEVECENKO, N. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república, São Paulo, Brasiliense, 1999. P. 171

¹²⁰ BARRETO, L. Triste Fim de Policarpo Quaresma, disponível em: www.bookstore.com.br p.76.

¹²¹ Idem, p.93.

situação, escreve uma carta ao presidente relatando o ato que presenciara. Por conta da redação da carta é levado como prisioneiro para a Ilha das Cobras. E é nesse momento então que Quaresma fica desolado e perde todas suas esperanças nos projetos que havia empreendido durante toda sua vida:

Iria morrer, quem sabe naquela noite mesmo? E que tinha feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o!

(...)

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o a loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções.

(...)

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete¹²².

O que observamos através destas passagens é que os ideais patrióticos que comporiam a nação e formariam o conceito de república, a língua, a terra e o povo, foram postos em xeque por Lima Barreto. Além do mais podemos considerar que para o autor a república afundou os verdadeiros homens de valor, de forma que o país estava entregue “à desmoralização nas mãos dos medíocres”, enquanto que “os expoentes da intelectualidade”, na obra em questão personificados em Quaresma, “eram considerados como medíocres”¹²³ Sendo assim, o que constamos é uma profunda desilusão de Lima Barreto para com a nação.

3.2 Patriotismo às avessas: os militares e o passado em *Triste fim de Policarpo Quaresma*

¹²² Idem, p.107

¹²³ SEVECENKO, N. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república, São Paulo, Brasiliense, 1999. P. 186.

Neste item discutiremos a representação do passado da nação na obra de Lima Barreto. O passado é evocado em dois momentos: no primeiro, tal representação é ativada por um grupo específico de personagens, dentre os quais figuram quatro militares e um civil. A cena ocorre na festa de casamento de Ismênia com o dentista Cavalcântti, numa conversa entre o pai da noiva o General Albernaz, o Contra-Almirante Caldas, o Major Inocêncio Bustamente, o engenheiro de águas Florêncio e o Capitão de Bombeiros Sigismundo. Eis a passagem:

- Ah! Meu tempo, observou Albernaz. *Quanta ordem! Quanta disciplina!*
- Não há mais gente que preste, disse Bustamante
Sigismundo por aí aventurou também a sua opinião, dizendo:
- Eu não sou militar, mas...
Como não é militar? Fez Albernaz, com ímpeto. Os senhores é que são os verdadeiros: estão sempre com o inimigo na frente, não acha, Caldas?
- Decerto, decerto, fez o almirante cofiando os favoritos.
- Como ia dizendo, continuou Sigismundo, apesar de não ser militar, eu me animo a dizer que a nossa força está muito por baixo. Onde está um Porto Alegre, um Caxias?
- Não há mais, meu caro, confirmou com voz tênue o doutor Florêncio.
Não sei por que, pois tudo hoje não vai pela ciência?
Fora Caldas quem falara, tentando a ironia. Albernaz indignou-se e retrucou-lhe com certo calor:
- Eu queria ver esses meninos bonitos, cheios de “xx” e “yy” em Curupati, hein Caldas? Hein Inocêncio?¹²⁴

A segunda passagem onde se evoca o passado é num diálogo entre Albernaz e o tenente Caldas:

- Decerto, Albernaz, não é possível continuar assim... Então mete-se um sujeito num navio, assenta os canhões pra terra e diz: sai daí “seu” presidente; e o homem vai saindo?... Não! É preciso um exemplo...
- Eu penso também da mesma maneira, Caldas. A República precisa ficar forte, consolidada... Esta terra necessita de governo que se faça respeitar... É incrível! Um país como este, tão rico, talvez o mais rico do mundo, é, no entanto, pobre, deve a todo mundo... Por que? Por causa dos governos que temos tido que não tem prestígio, força... É por isso.

Vinham andando, à sombra das grandes e majestosas árvores do parque abandonado; ambos fardados e de espada. Albernaz, depois de um curto intervalo, continuou:

- Você viu o imperador, o Pedro II... Não havia jornaleco, pasquim por aí, que o não chamasse de “banana” e outras coisas.... Saia no carnaval... Um desrespeito sem nome! Que aconteceu? Foi-se como um intruso.
- E era um bom homem, observou o almirante. Amava seu país... Deodoro nunca soube o que fez.

¹²⁴ BARRETO, L. Triste Fim de Policarpo Quaresma, disponível em: www.bookstore.com.br p.20.

Continuavam a andar. O almirante coçou um dos favoritos e Albernaz olhou um instante para todos os lados, acendeu o cigarro de palha e retomou a conversa:

- Morreu arrependido... Nem com a farda quis ir para cova!... Aqui para nós que ninguém nos ouve: foi um ingrato; o imperador tinha feito tanto por toda família, não acha?

- Não há dúvida nenhuma! Albernaz, você quer saber de uma coisa: estávamos melhor naquele tempo, digam lá o que disserem...

Quem diz o contrário? Havia mais moralidade... Onde está um Caxias? Um Rio Branco?

- E mais justiça mesmo, disse com firmeza o almirante. O que eu sofri, não foi por causa do “velho”, foi a canalha... Demais tudo barato...

- Eu não sei, disse Albernaz com particular acento, como há ainda quem se case... Anda tudo pela hora da morte!¹²⁵

O que observamos aqui é o modo como Lima Barreto penetra nas relações verticais, ou seja, aquelas que estão do âmbito das disputas, bem como de relações políticas e suas ideologias, ao mesmo tempo em que retrata de maneira muito interessante as minúcias dos relacionamentos cotidianos¹²⁶.

Nesse sentido, o primeiro fenômeno interessante a ser notado no primeiro trecho é o fato de que Albernaz evoca tempos longínquos de “ordem” e “disciplina” enternecidos em sua memória com o intuito de relegar ao presente certo menosprezo e rebaixamento. Na seqüência, temos a impressão de Sigismundo, o qual evoca Caxias, personagem que foi responsável por atenuar os conflitos do período de transição para o Segundo Reinado, como herói. E por último temos Caldas, ironizado os homens de ciência de seu tempo, compara aos “bravos” da batalha em Curupati.

Já no segundo fragmento o qual ocorre durante o recrutamento de Marechal Floriano Peixoto para combater durante o episódio Revolta da Armada, temos num primeiro momento a indignação de Caldas e Albernaz para com o período de instabilidade pelo qual passava a República, de modo que estes evocam a figura emblemática de Dom Pedro II, como representante de um período que é considerado melhor do que o presente por ambos. Novamente, Albernaz menciona Caxias, mas agora de modo diferente, como exemplo de civismo e moralidade. Também podemos considerar certa lógica patrimonialista neste trecho, pois ao considerar que Dom Pedro II empreendera esforços em favor da família temos contido no fragmento a ideia de que ao Estado caberia prover o bem privado, ao invés do bem público.

¹²⁵ Idem, p.67

¹²⁶ SEVECENKO, N. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república, São Paulo, Brasiliense, 1999. p.169.

Uma análise mais minuciosa destes dois fragmentos nos faz observar Barreto procura elucidar o passado com o intuito de asseverar as questões e situações que se referem ao seu cotidiano, ou seja, ao presente republicano. Esse presente é relatado como desolador pelos personagens da trama, de modo que, o passado é o momento no qual residira a paz e a plena liberdade. Tal fenômeno fica claro ao levarmos em consideração a evocação das “grandes” figuras nacionais promotoras desta paz como Duque de Caxias, que é mencionado na trama por duas vezes.

Dessa forma podemos considerar que a maneira pela qual se trata o passado neste trecho da obra trás à tona duas questões que são de fundamental importância para Lima Barreto. A primeira delas é o poder: de modo contundente, Barreto faz uma crítica ao regime republicano considerando-o como um momento onde a “ordem e o progresso” estariam longe de acontecer. Sendo assim, de maneira irônica, autor menciona o passado e os “grandes” personagens que dele fizeram parte como verdadeiros ícones da nação que deveriam ser resgatados e respeitados, para que o caos político se desfizesse e a paz fosse consolidada.

Outra ironia reside de que tratam os trechos, diz respeito ao patriotismo dos militares. Tidos como responsáveis pela emancipação da nação e como aqueles que levantaram o estandarte da República para o Brasil, aqui Barreto os trata de maneira peculiar, pois como podemos perceber os militares para além de criticarem o regime em questão, buscam no passado regencial a possível solução para as mazelas ocorridas durante o período republicano.

O que podemos notar é que provavelmente não haveria consenso entre os militares no que diz respeito ao modo pelo qual o país deveria ser gerido, é provável que aqueles mais antigos pudessem de fato ver no passado imperial, como é caso aqui de Caldas, Albernaz e os demais partícipes no diálogo ocorrido durante a festa de casamento, uma nação livre e próspera frente à desestabilidade característica pela qual passavam.

Dessa forma, podemos concordar com Sevcenko, uma vez de que ele nos esclarece que, para Barreto, a antiga elite monárquica havia atingido um nível bastante satisfatório e promissor de relacionamento e envolvimento com as diferentes pessoas que constituíam o Brasil e com a própria natureza brasileira. “Esse processo de

interpenetração que vinha em franco progresso foi, para Barreto, bruscamente interrompido e invertido pela emergência da burguesia republicana cosmopolitista”¹²⁷.

Neste sentido, podemos considerar que no plano duma relação mais intimista do autor para com a obra Lima Barreto “manifesta uma certa nostalgia por uma ordenação clânica da sociedade, evocativa de um passado patriarcal, em que a solidariedade se impunha pelo convívio das gerações¹²⁸”, e seria neste passado onde residiria a harmonia e solidariedade entre os homens.

3.3 Mulheres e sua representação nacional em *Triste fim de Policarpo Quaresma*

Este tópico procurará explorar algumas das mulheres da obra com o intuito de demonstrar sua inserção na nação, a representação que dela propõe Lima Barreto na obra que estamos estudando. Para tanto, analisaremos a trajetória de suas vidas, seus interesses e ambições.

A primeira mulher que iremos tratar é a irmã de Quaresma, Adelaide, para o início do estudo iremos considerar o episódio que acontece quando Quaresma explica para Adelaide o projeto que tinha para cultivar o seu sítio Sossego:

*A irmã, mais velha que ele não partilhava aquele seu entusiasmo pelas coisas da roça. Considerava-o silenciosa, e, se viera viver com ele, não foi senão pelo hábito de acompanhá-lo. Decerto, ela o estimava, mas não o compreendia. Não chegava a entender nem seus gestos nem sua agitação interna. Por que não seguira ele o caminho dos outros? Não se formara e se fizera deputado? Era tão bonito... Andar com livros, anos e anos, para não ser nada, que doideira!*¹²⁹

Como podemos perceber, a irmã de Policarpo era uma pessoa simples, responsável pelas tarefas domésticas, de forma que não compreende os grandes ideais de seu irmão. Em toda a obra ela aparece como uma espécie de empregada de Quaresma, enquanto o intelectual pensava sua irmã supria para casa as suas necessidades básicas.

Também temos elucidado mais para adiante o que significava viver para Adelaide suas paixões e motivações:

¹²⁷ Idem, p.176.

¹²⁸ Idem, p.184

¹²⁹ BARRETO, L. Triste Fim de Policarpo Quaresma, disponível em: www.bookstore.com.br p.42

Para Dona Adelaide, a vida era coisa, simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar, e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa¹³⁰.

Nota-se neste trecho que para além de sua simplicidade e falta de compreensão de seu irmão, Adelaide não partilhava em nenhum aspecto alguma característica patriótica como Quaresma. O que temos de fato é uma demonstração por parte de Barreto, de uma mulher completamente à margem dos ideais da república e que está a cuidar de um patriota nato, ou seja, a república para homens e mulheres não é a mesma.

Para além de Adelaide também podemos analisar as “casamenteiras” da obra com o intuito elucidar melhor a questão da mulher brasileira na primeira república. Uma das mulheres de maior relevo e significância na obra é Ismênia que tinha como pretendente o dentista Cavalcanti. Temos a seguinte descrição da notícia de seu casamento:

Noiva havia quase cinco anos, Ismênia já se sentia meio casada. Este sentimento junto à sua natureza pobre fê-la não sentir um pouco mais de alegria. Ficou no mesmo. Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos; era uma ideia, uma pura ideia. Aquela inteligência rudimentar tinha separado da ideia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: “Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar”.... ou senão: “Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar...”¹³¹

Para uma melhor compreensão deste fragmento podemos retornar a tabela e levar em consideração que um dos objetivos do pai de Ismênia, o General Albernaz, era de casar todas as suas filhas. Dessa forma podemos observar então que em certo sentido não há necessariamente um casório em tons romancados, a função da mulher, neste

¹³⁰ Idem. P.59

¹³¹ Idem p.16

caso, é pura e simplesmente casar. Esse seria seu único interesses ou ambição, ao mesmo tempo, havia o interesse de Ismênia residia em satisfazer a vontade de seu pai, ou seja, a mulher se realiza com sua submissão, mas há também realização pessoal do homem.

Entretanto o relacionamento de Ismênia sofre uma reviravolta, pois seu marido foge para o interior e não lhe escreve de forma que tal ação é considerada por ela como um rompimento. Eis então a reação da esposa frente ao abandono de seu agora ex-marido:

Para Ismênia, era como se todos os rapazes casadoiros tivessem deixado de existir. Arranjar outro problema insolúvel, era trabalho acima de suas forças. Coisa difícil! Namorar, escrever cartinhas, fazer acenos, dançar, ir a passeios – ela não podia mais com isso. Decididamente, estava condenada a não se casar, a ser tia, a suportar durante toda a existência esse estado de solteira que apavorava¹³².

Conforme já elucidado na tabela, o que observamos aqui é que Ismênia, desolada com sua situação, perde sua função social enquanto mulher. Tudo aquilo que outrora tivera significado para ela perde o sentido e mais ela descarta a possibilidade de contrair outro matrimônio, ou seja, todo o seu universo de significados desmorona e quando Albernaz é indagado por Quaresma a respeito do estado de saúde de sua filha temos a seguinte descrição feita por Barreto:

(...) A filha enlouquecera de uma loucura mansa e infantil. Passava dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, com um olhar morto de estátua, numa atonia de inanimado, como que caíra em imbecilidade; mas vinha uma hora, porém, em que se penteava toda, enfeitava-se e corria à mãe, dizendo: “Apronta-me, mamãe. O meu noivo não deve tardar... é hoje o meu casamento”. Outras vezes recortava papel, em forma de participações, e escrevia: Ismênia de Albernaz e Fulano (variava.)¹³³

¹³² Idem p.35-36

¹³³ Idem p. 79-80

O que observamos então é que a seqüência dos acontecimentos que sucedem para com Ismênia demonstra que esta ao perder sua função enquanto mulher mergulha numa perdição muito mais profunda que é a perda da razão. Sendo assim, constatamos que os valores que se constituíam como fundamentais, que eram o seu objetivo principal, em sua vida tornam-se loucura por conta de seu fracasso no matrimônio.

No desenrolar da trama consta que o pai de Ismênia consulta médicos, médiuns e feiticeiros para curar a filha, entretanto nenhum destes foi capaz de curá-la de sua moléstia. E o fim da personagem é a morte, de modo que seu último desejo é que fosse enterrada vestida de noiva, e é assim que acontece.

O que observamos aqui é que Ismênia enquanto mulher destituída de seu objetivo, acaba por se auto-flagelar e criar um universo próprio ao seu redor com o intuito de escapar da vergonha de ser solteira. E o fato de esta não possuir um marido acentua o grau de sua marginalização perante a República, pois esta era feita para os homens. Dessa forma, o que observamos é que para a mulher existir ela ou tem de estar casada, ou estar disponível para o casamento.

Outro casamento que será aqui considerado será o de Quinota, que, assim como Ismênia, era filha do General Albernaz. Ou seja, para ela havia o mesmo objetivo do pai de casá-la. Seu cônjuge é Genelício, que era Empregado do Tesouro. Ele é tido como bajulador de seus superiores e tinha por objetivo galgar melhores posições em seu ofício. Na trama, quando sucede o casamento do casal, temos descrito o sentimento do pai da noiva: “o general estava satisfeito. Sonhava há tantos anos uma cerimônia daquelas em sua casa e enfim pela primeira vez via realizado esse anseio”¹³⁴. O que a obra deixa transparecer é muito mais do que a felicidade da nubente em casar-se o que está em jogo é o regozijo do pai em ver suas filhas casarem. O seu noivo também parece deixar transparecer que está mais interessado em seu ofício, do que propriamente com o matrimônio. O que temos na trama então é um universo eminentemente masculino, pois até as realizações femininas giram em torno dos homens.

Outra nubente da obra é Olga, filha de um imigrante italiano, Vicente Coleoni, que se tornara amigo de Quaresma após este o ajudar numa dificuldade financeira. Após este episódio, os dois tornam-se compadres. A afilhada de Policarpo é rica (seu pai passa de quitandeiro a grande comerciante) o objetivo de seu era casá-la com um doutor

¹³⁴ Idem p.47.

e quando esta é indagada por seu padrinho se gostava de seu noivo o Doutor Armando Borges obtemos a seguinte reflexão:

Ela não sabia responder aquela pergunta. Queria sentir que gostava, mas estava que não. E porque casava? Não sabia... Um impulso do seu meio, uma coisa que não vinha dela – não sabia... Gostava de outro? Também não. Todos os rapazes que ela conhecia não possuíam relevo que a ferisse, não tinham o “que”, ainda indeterminado na sua emoção e na sua inteligência que a fascinasse ou subjugasse. Ela não sabia bem o que era, não chegava a extremar na percepção das suas inclinações qualidade que ela queria ver dominante no homem. Era heróico, era o fora do comum, era a força de projeção para as grandes coisas; mas nessa confusão mental dos nossos primeiros anos, quando as ideias e os desejos se entrelaçam e se embaralham, Olga não podia colher e registrar esse anelo, esse modo de se lhe representar e de amar o indivíduo masculino¹³⁵.

O seguinte trecho nos leva a considerar que de certo modo na trama de Lima Barreto era a única opção possível para que a mulher pudesse se realizar, isto leva o autor da obra a demonstrar que nem sempre era o sentimento de afeição que conduzia as mulheres ao casamento, mas, como este mesmo ressalta, “casava-se por habito de sociedade”¹³⁶, ou seja, para escapar da vergonha de ficar para “titia”.

No que diz respeito ao dia de seu casamento, temos a seguinte descrição:

Não foi para igreja em virtude de uma determinação certa de sua vontade. Continuava a não encontrar dentro de si motivo para aquele ato, mas, aparentemente, nenhuma vontade à sua influíra para isso. O marido é que estava contente. Não seria muito com a noiva, mas com a volta que sua vida ia tomar. Ficando rico e sendo médico, cheio de talento nas notas e recompensas escolares, via diante de si uma larga estrada de triunfos nas posições e na indústria clínica¹³⁷

O que temos por intermédio deste fragmento é que a função deste casamento para além promover Olga, também estão salvaguardados os interesses masculinos. Dessa forma, como já considerado na tabela, podemos considerar o doutor Armando

¹³⁵ Idem p.33

¹³⁶ Idem, Ibidem.

¹³⁷ Idem, p.51.

Borges como um arrivista que em sua estratégia tinha como objetivo um matrimônio bem sucedido em termos de finanças, como o intuito de promoção pessoal.

O que observamos por intermédio das reflexões acima realizadas é um universo em que o sucesso da mulher gira em torno da figura masculina. Temos Adelaide que mesmo não se casando está sempre à sombra de Quaresma. Já Ismênia acaba ter um casamento mal sucedido e enlouquece. Os dois casamentos aqui citados que dão certo, o de Olga e Quinota, apesar de demonstrar a ascensão destas mulheres transparecem de maneira lúcida que as mulheres são simplesmente uma extensão da carreira bem sucedida de seus maridos, ou seja, o que vemos aqui é que as mulheres da Primeira República não possuem voz de comando e que a nação brasileira é eminentemente masculina.

Conclusão

O que podemos concluir através das análises elaboradas durante a realização deste trabalho é que mesmo sendo posto de lado Barreto tinha uma noção profunda das ideias correntes em seu período. E é neste sentido que o autor empreende sua crítica ao positivismo, bem como ao ufanismo de Afonso Celso.

Outro aspecto a ser considerado é o claro resgate que Barreto faz da cultura e dos personagens marginais da Primeira República. No que diz respeito aos aspectos culturais temos isso evidente quando Quaresma passa a ter aulas de violão, já no que se refere aos personagens podemos observar o resgate por intermédio da inserção das mulheres nas páginas de Barreto.

Podemos considerar na obra a questão de como alguns intelectuais são postos de lado durante a república. Nesse sentido, temos a própria trajetória de Quaresma que embora idealizador de um país forte e desenvolvido, é criticado em todos os seus projetos, fracassando no intento de mudar a língua nativa, posteriormente em sua intenção de demonstrar a superioridade do Brasil no que diz respeito a sua flora e fauna e por fim ao tentar realizar sua proposta de reforma administrativa é tido como traidor. Essa seria a condição de marginal de alguns dos intelectuais da República, e porque não admitir do próprio Lima Barreto.

Podemos também considerar o aspecto irônico do livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pois temos na obra militares que mesmo influenciados por aspectos da doutrina positivista, trazem em sua memória os “bons tempos” do período regencial. Ou seja, ao invés do autor nos mostrar militares ávidos pela “ordem” e pelo “progresso”,

temos personagens saudosos tem um tempo que em suas memórias seria melhor onde são evocadas figuras como a de Dom Pedro II, onde prevalece uma lógica patriarcal e patrimonialista do Estado.

Outra questão a considerar é o fato de que o universo da República seria de fato um lugar onde predominaria a figura do homem. Temos primeiro Adelaide que a margem da República vive em função do grande intelectual da obra Quaresma. Depois temos o casamento de Ismênia que redundou num fracasso de modo a fazer com que a personagem perca todo sentido da vida, que girava em torno do seu casamento, ou seja, de seu homem. Há ainda o casamento de Quinota que assim como o de sua irmã abandonada serviu para satisfazer a ambição que o seu pai, Albernaz, tinha de casar as filhas. É também ilustrado o casamento de Olga, que casava pura e simplesmente por hábito social, entretanto, seu marido tinha a clara intenção de “subir na vida”.

Finalmente o que podemos constatar é o caráter profundamente “utilitarista” da obra de Lima Barreto, pois ao tratar dos aspectos culturais, do resgate dos marginais, do modo como alguns personagens tratavam o passado e da masculinização do universo republicano, o autor busca combater por intermédio de sua literatura, a ordem até então vigente.

Referências Bibliográficas

- BARRETO, L. Triste Fim de Policarpo Quaresma, disponível em: www.bookstore.com.br
- MICELI, S. Intelectuais à brasileira, São Paulo, Cia. Das Letras 2001.
- SEVCENKO, N. Literatura como missão, São Paulo, Brasiliense, 1995.
- OLIVEIRA, L. L. A questão nacional na primeira república. Brasiliense. São Paulo. 1990
- FAUSTO. B. Brasil republicano, v.8: estrutura de poder e economia (1889-1930), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- FIORIN, L.J. A construção da identidade nacional brasileira, BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009.
- NOGUEIRA, F.R. Identidade nacional e experiência urbana vivenciada no Rio de Janeiro de Lima Barreto, *Revista Literatura em Debate*, v. 4 n.7, p.106-125, ago-dez, 2010. Recebido em 01 out, aceito de 03 Nov.2010
- SILVEIRA, C. Entre História e Literatura: A identidade nacional em Lima Barreto. História: Questões e Debates, Curitiba, Editora UFPR nº44, 2006.
- SANTOS, W.M.N "Você, Quaresma, é um visionário": alma nacional e loucura em *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, *Mundos Nuevos* [on-line], Debates, colocado on-line 28 janeiro de 2006, consultado em 26 de novembro 2013. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1513> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.1513

